



A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

Adrielle Freire Hernandes
Graduada em Letras-Uni-FACEF
adriellehernandes@hotmail.com

Gabriela Sabino de Freitas
Graduada em Letras-Uni-FACEF
gabrielasabino25@outlook.com

Monica de Oliveira Faleiros
Doutora em Estudos Literários - Uni-FACEF
molifafacef@gmail.com

Resumo

O interesse inicial dessa pesquisa surgiu a partir de um artigo que publicamos sobre a temática amorosa de Drummond e, ao decidirmos ampliar nosso conhecimento sobre o autor, nos deparamos com o poema “Receita de Ano Novo”. A partir disso, surgiu-nos a curiosidade sobre seus poemas “de circunstância”, isto é, produções em que ocorre uma ampliação do registro que o poeta faz do cotidiano, tendo em vista suas reflexões sobre fatos históricos expressas pontualmente por meio de seus poemas. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é realizar uma leitura interpretativa dos poemas “O homem; as viagens”, publicado em 1969, na obra *As impurezas do branco*, “Adeus a Sete Quedas”, publicado no *Jornal do Brasil* em 1982 e “Receita de Ano Novo”, publicado na obra *Discurso de primavera e algumas sombras*, em 1977. O primeiro poema mencionado, que integra o corpus desta pesquisa, foi escrito em decorrência de um fato histórico, que foi a primeira viagem do homem à Lua. O segundo, também foi escrito posteriormente a um fato histórico: a destruição do Salto de Sete Quedas, em Guaíra/PR, para a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, considerada a maior do mundo até 2012. Por fim, o último poema retrata um fato do cotidiano que se repete em todo início de ano: a comemoração do Ano Novo. Esses poemas foram escolhidos dentre vários outros, dispersos pela obra de Drummond e, por meio deles, buscamos demonstrar a intensa vinculação do artista a seu tempo, uma vez que registra em sua poesia a realidade histórica e também cotidiana, bem como, por meio dela, sua participação social e suas relações pessoais, exemplo disso é a obra *Versos de circunstância*, que apresentamos neste trabalho, a fim de evidenciar essa prática do poeta de transformar em poemas acontecimentos dos mais corriqueiros que ganham, a partir disso, um significado especial. Esta pesquisa tem caráter bibliográfico e é embasada nos estudos de história da literatura, propostos por Bosi (2017), para se compreender a época literária em que Carlos Drummond de Andrade viveu e seu pertencimento ao Modernismo, além de analisar a relação de suas obras com esse movimento; também nos estudos críticos de Achcar (2000), Arrigucci (2002), Candido (2004), Villaça (2006) e Sant’Anna (1992), sobre a poética drummondiana. Quanto às reflexões teóricas acerca da poesia e sua relação com a história, buscamos fundamentar nossas reflexões nos estudos de Paz (1982), e, assim, compreender a

expressão poética do autor em relação ao mundo e ao sujeito poético, principalmente no que diz respeito ao tema circunstancial e aos “instantes consagrados” por meio dos poemas escolhidos.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade. Modernismo. Poética drummondiana. Poesia de circunstância.

Abstract

The initial interest of this research arose from an article that we published on Drummond's love theme and, when we decided to expand our knowledge about the author, we came across the poem "Receita de Ano Novo". Thereafter, we were curious about his “circumstantial” poems, that is, productions in which there is an expansion of the poet's record of everyday life, in view of his reflections on historical facts expressed punctually through his poems. Thus, the objective of this research is to perform an interpretative reading of the poems “O homem; as viagens”, published in 1969, in the work *As Impurezas do Branco*, “Adeus a Sete Quedas”, published in *Jornal do Brasil* in 1982 and “Receita de Ano Novo”, published in the work *Discurso de Primavera e Algumas Sombras*, in 1977. The first poem mentioned, which integrates the corpus of this research, was written due to a historical fact, which was the man's first trip to the Moon. The second was also written after a historical fact: the destruction of *Salto de Sete Quedas*, in *Guaira/PR*, for the construction of a power plant called Usina Hidrelétrica de Itaipu, which was considered the largest in the world until 2012. Finally, the last poem portrays a fact of everyday life that is repeated at the beginning of the every year: the celebration of the New Year. These poems were chosen among several others, dispersed by Drummond's work and, through them, we seek to demonstrate the artist's intense connection to his time, since he registers in his poetry the historical and also everyday reality, as well as, through it, his social participation and his personal relationships, an example of this is the work *Versos de circunstância*, which we present in this work, in order to highlight this practice of the poet of transforming into poems the most common events that gain, from that moment, a special meaning. This research has a bibliographic perspective and it is based on the history of literature studies, proposed by Bosi (2017), to understand the literary period in which Carlos Drummond de Andrade lived and his belonging to Modernism, in addition to analyzing the relationship of his works with this movement; also on the critical studies of Achcar (2000), Arrigucci (2002), Candido (2004), Villaça (2006) and Sant'Anna (1992), on Drummond's poetics. As for the theoretical reflections about poetry and its relationship with history, we seek to base our reflections on the studies of Paz (1982), and, thus, to understand the poetic expression of the author in relation to the world and the poetic subject, especially with regard to the circumstantial theme and the “consecrated moments” through the chosen poems.

Key-words: Carlos Drummond de Andrade. Modernism. Drummond's poetics. Circumstantial poetry.

Submissão: 22/10/2020 **Aprovação:** 03/11/2020.



A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

1 Introdução

A poesia é um ato que não constitui uma interpretação, mas uma revelação da condição humana, do seu percurso e sentimentos experienciados entre o viver e o morrer. Por isso, a contextualização histórica de um poema (principalmente quando é explícita), permite ao leitor uma compreensão mais ampla da obra literária, mas não é somente esse o papel da poesia, ela ultrapassa o histórico e presentifica-o, na medida em que as reflexões contidas no poema sobre acontecimentos datados se tornam válidas para qualquer tempo, porque transcendem o histórico por meio da reflexão sobre o que é humano e universal, fazendo com que o poema ganhe uma dimensão representativa, simbólica, que, então, o consagra, no sentido de levar a uma nova dimensão.

O interesse inicial dessa pesquisa surgiu a partir de um artigo que publicamos sobre a temática amorosa de Drummond e, ao decidirmos ampliar nosso conhecimento sobre o autor, nos deparamos com o poema “Receita de Ano Novo”. A partir disso, surgiu-nos a curiosidade sobre seus poemas “de circunstância”, isto é, a ampliação que o poeta faz para além do cotidiano, tendo em vista o registro de suas reflexões por meio de poemas sobre fatos históricos.

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é realizar uma leitura interpretativa dos poemas “O homem; as viagens”, publicado em 1969 na obra *As impurezas do branco*, “Adeus a Sete Quedas”, publicado no *Jornal do Brasil* em 1982 e “Receita de Ano Novo”, publicado na obra *Discurso de primavera e algumas sombras* em 1977, escolhidos dentre vários outros, dispersos pela obra de Drummond e, por meio deles, demonstrar a intensa vinculação do artista a seu tempo, uma vez que registra em sua poesia a realidade histórica e também cotidiana, bem como, por meio dela, sua participação social e suas relações pessoais, exemplo disso é a obra *Versos de circunstância*, que apresentamos neste trabalho, a fim de evidenciar essa prática do poeta de transformar em poemas acontecimentos dos mais corriqueiros que ganham, a partir disso, um significado especial.

Neste trabalho, inicialmente apresenta-se a biografia de Carlos Drummond de Andrade, sua vinculação com a escola literária do Modernismo e uma breve fortuna crítica, em que apresentamos diversos estudiosos que discutem a obra do autor. Além disso, abordamos as temáticas da obra drummondiana, baseados na *Antologia poética* e por fim, há a apresentação das obras que compõem o corpus, entre elas *As impurezas do branco*, o *Jornal do Brasil*, *Discurso de primavera e algumas sombras* e a obra *Versos de circunstância*, embora não analisemos nenhum texto dela.

O capítulo seguinte, é composto por uma fundamentação teórica sobre o ato poético e o “instante”, a partir da obra *O arco e a lira*, de Octavio Paz (1982), para se compreender a expressão poética do autor em relação ao mundo e ao sujeito poético, principalmente no que diz respeito ao tema circunstancial e sua relação com momentos históricos nos poemas escolhidos.

Já no quarto capítulo, apresenta-se a leitura e análise dos poemas que constituem o corpus do trabalho, a fim de apresentar uma análise estrutural e semântica, levando em consideração o momento histórico e as relações intertextuais presentes em cada um deles. Além disso, há a análise comparativa, cujo propósito é

mostrar como os poemas se conectam na temática circunstancial de Carlos Drummond de Andrade.

Esta pesquisa tem caráter bibliográfico e é embasada nos estudos de história da literatura, propostos por Bosi (2017), para se compreender a época literária em que Carlos Drummond de Andrade viveu e seu pertencimento ao Modernismo, além de analisar a relação de suas obras com esse movimento; também nos estudos críticos de Achcar (2000), Arrigucci (2002), Candido (2004), Villaça (2006) e Sant'Anna (1992), sobre a poética drummondiana. Quanto às reflexões teóricas acerca da poesia e sua relação com a história, buscamos fundamentar nossas reflexões nos estudos de Paz (1982), e, assim, compreender a expressão poética do autor em relação ao mundo e ao sujeito poético, principalmente no que diz respeito ao tema circunstancial e aos “instantes consagrados” por meio dos poemas escolhidos.

2 O poeta, seu tempo, sua obra

2.1 Sobre Carlos Drummond de Andrade

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Minas Gerais, na cidade de Itabira, no dia 31 de outubro de 1902. Nono filho dos fazendeiros Carlos de Paulo Andrade e Julieta Augusta Drummond de Andrade, iniciou os estudos no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito em 1910. Seis anos depois, mudou para o Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Contudo, precisou interromper os estudos, devido a problemas de saúde; só em 1917, quando retornou para Itabira, teve aulas particulares com Emílio Magalhães.

Foi aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em 1918, na cidade de Nova Friburgo, onde publicou o poema em prosa “Onda”, em um jornal. No ano seguinte, foi expulso da escola, pois ocorrera um incidente com um professor, que disse que Drummond cometera “insubordinação mental”; depois disso, mudou-se novamente para Belo Horizonte.

Na mesma cidade, graduou-se no curso de Farmácia, pela Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte. Depois de perceber que não se interessava pela profissão escolhida, passou a ministrar aulas de Português e Geografia em sua cidade natal, Itabira, mas retorna para Belo Horizonte a fim de tornar-se redator e, posteriormente, redator-chefe do *Diário de Minas*.

O poeta casou-se com Dolores Dutra de Moraes, em 1925, com quem teve dois filhos, sendo Carlos Flávio o primogênito, que nasceu em 1926, porém, morreu meia hora após o nascimento. A segunda filha foi Maria Julieta Drummond de Andrade, nascida em 1928, ano em que o poeta passou a trabalhar como auxiliar na redação da *Revista do Ensino*. Trabalhou também, após deixar o *Diário de Minas*, no *Minas Gerais*, como auxiliar de redação e redator.

No mesmo ano do casamento, o poeta fundou, junto com alguns escritores, como Emílio Moura e João Alphonsus, *A Revista*, que durou pouco tempo, mas foi substancial para o Modernismo no Brasil. Em 1938, foi para o Rio de Janeiro, onde foi chefe de gabinete de Gustavo Capanema, no Ministério de Educação e Saúde, até o ano de 1945. Fez jornalismo e participou do *Correio da Manhã*. Recebeu o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1982.



A “CONSAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

No dia 5 de agosto de 1987, sua filha morreu de câncer e, no dia 17 do mesmo mês e ano, Drummond também faleceu, no Rio de Janeiro, talvez por causa de toda a tristeza que sentiu ao perder a filha.

O poeta recebeu vários prêmios, tais como: o da Sociedade Felipe d’Oliveira, Prêmio de Conjunto de Obra; o da União Brasileira de Escritores, Fernando Chinaglia; o do PEN Clube do Brasil, Luísa Cláudio de Sousa; o da Associação Paulista de Críticos Literários, Prêmio de Poesia; o Prêmio Nacional Walmap de Literatura; o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal, que recusou; o Estácio de Sá, de jornalismo; e o de poesia, Morgado Mateus, de Portugal.

2.2 Drummond e o modernismo

Carlos Drummond de Andrade pertenceu à escola literária do Modernismo. Este movimento está submetido à condição do acontecimento da *Semana da Arte Moderna*, realizada em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo. O Modernismo foi um movimento cultural que buscou mudanças reais nas formas de expressão estética, ou seja, buscou renovar os procedimentos de representação nas artes, em sintonia com os movimentos de vanguarda que ocorriam na Europa, então. Não só isso, seu papel estendeu-se para a crítica à estrutura política e social do país e os modernistas, utilizando-se da literatura e da arte, denunciavam que pretendiam superar a expressão artística vinculada à República Velha, causando uma explosão de tendências e manifestos a partir daí, pois, os artistas que participaram do movimento, propunham novas formas de atuações estéticas ao questionar os padrões impostos.

Segundo Bosi (2017), devido à grande mudança que esse movimento literário trouxe, tendo em vista as últimas correntes literárias, como o Parnasianismo e o Simbolismo, pareceu aos historiadores que o termo “Modernista” definisse claramente o estilo dos novos autores, e “Modernismo” tudo o que se viesse a se escrever a partir de 22.

Nesse contexto, em 1925, Carlos Drummond, com João Alphonsus e Emílio Moura, fundaram *A Revista*, a que já nos referimos anteriormente, e que foi o mais importante instrumento de difusão das ideias modernistas de Minas Gerais, mesmo não tendo uma longa duração.

Segundo Alfredo Bosi (2017), há uma justificativa para as divisões de datas das fases do Modernismo, já que os eventos ligados a cada uma delas possuem grande importância. Para ele, 1922 exprime uma fase mais radical e heroica do Modernismo, quando os artistas buscam a renovação estética inspirada nas Vanguardas Europeias e há uma formação de grupos modernistas. Já 1930, evoca um período em que a literatura brasileira, segundo Bosi (2017), não é mais “chama de adolescente”, mas um momento de amadurecimento, de consolidação da poesia brasileira, e, mais ainda, uma fase que permitiu aos escritores uma maior compreensão da situação política e social do povo.

Mas, tendo esse movimento nascido das contradições da República Velha que ele pretendia superar, e, em parte, superou; e tendo suscitado em todo o Brasil uma corrente de esperanças, oposições, programas e desenganos,

HERNANDES, A. F.; FREITAS, G. S.; FALEIROS, M. O.

vincou fundo a nossa literatura lançando-a a um estado adulto e moderno perto do qual as palavras de ordem de 22 parecem fogachos de adolescente (BOSI, 2017, p. 409).

Por fim, na terceira fase, de 1945, ocorre a redemocratização do país, pois termina a República Nova, implantada pela ditadura de Getúlio Vargas. Nessa fase, ocorre o estruturalismo, surge a poesia concreta, começa a se mostrar um formalismo, entendido por Bosi (2017), como um “respeito ao metro exato e a fuga à banalidade nos temas e nas palavras”, o que não foi uma regra absoluta, pois poetas como João Cabral e Drummond, tendo passado por essa fase, reagiram a ela de forma bastante particular.

Para Bosi (2017), o Modernismo foi como uma “porta aberta” para Carlos Drummond de Andrade, por ter amadurecido depois de 1930:

O peso da tradição não se remove e nem se abala com fórmulas mais ou menos anárquicas nem com regressões literárias ao inconsciente, mas pela vivência sofrida e lúcida das tensões que compõem as estruturas materiais e morais do grupo em que se vive. Essa compreensão viril dos velhos e novos problemas estaria reservada aos escritores que amadureceram depois de 1930 (BOSI, 2017, p. 384).

Desde sua primeira obra, *Alguma poesia*, publicada em 1930, Drummond aborda temas do cotidiano de maneira livre, deixando de lado as formas fixas de composição poética, com linguagem coloquial e empregando o verso livre, e assim, firma-se como poeta congenialmente moderno. Utiliza também o coloquialismo e o epigrama, “poema-piada” para os modernistas. A obra conta com um de seus poemas mais famosos, “No meio do Caminho”, que causou bastante polêmica, devido a uma repetição recorrente, que fixou, para sempre, a imagem da pedra em sua poesia. Podemos citá-lo em: “No meio do caminho tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho/ tinha uma pedra/ no meio do caminho tinha uma pedra [...]”, (ANDRADE, 2005, p. 47).

Segundo Francisco Achcar (2000, p.18), o crítico Haroldo de Campos tentou desvendar o significado de pedra no contexto abordado. Para ele, Drummond cria uma “informação estética” por meio da repetição. David Arrigucci (2002, p. 73), também aponta que “a pedra é o que move o poeta à reflexão e à procura da poesia, que ela, entretanto, barra, obrigando-o ao círculo infernal da busca sem fim, a retornar indefinidamente”.

Outro importante poema dessa obra é o “Poema de Sete Faces”. As “sete faces” citadas trabalham distintamente partes de um “eu todo retorcido”, pois o eu-lírico fragmentado se encontra deslocado do mundo. Retrata um tema muito recorrente na obra do poeta, que segundo Achcar (2000), é o “desajeitamento” existencial. Um trecho do poema é: “Quando nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida [...]”, (ANDRADE, 2005, p. 15). Apesar da ironia, “o poeta não escondia o eu todo retorcido, as escarpas da alma severa, o sofrimento beirando o desespero, o desajeitamento do indivíduo” (ARRIGUCCI, 2002, p. 28).

Já a fase posterior, a partir de 1930, fase que propôs novos rumos ao poeta, retrata uma reflexão de caráter social e faz questionamentos sobre o indivíduo em relação ao mundo, o qual está cada vez mais arruinado por guerras e



A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

armas, já que nesse período estavam ocorrendo a Segunda Guerra Mundial e “A Era Vargas”. Seus poemas apresentam um desencanto com a vida que, às vezes, apesar disso, é convertido em humor e ironia. Obras como *Sentimento do Mundo* (1940) e *A Rosa do Povo* (1945) são exemplos dessa fase.

2.2.1 Considerações críticas sobre os aspectos da poética drummondiana

Para que ocorra uma maior compreensão sobre o poeta Carlos Drummond de Andrade, apresentamos sobre ele alguns estudos críticos que trazem a visão de alguns estudiosos que discutem sobre as características, a fim de refletir sobre como se constitui a poética drummondiana.

Para Candido (2004, p.68), o poeta possui um modo espontâneo de falar de si, e transforma qualquer assunto em poesia.

O modo espontâneo com que fala de si, dos seus hábitos, amores, família, amigos, transformando qualquer assunto em poesia pelo simples fato de tocá-lo, talvez fosse uma aspiração profunda de Drummond, para quem o eu é uma espécie de pecado poético inevitável, em que precisa incorrer para criar, mas que o horroriza à medida que o atrai (CANDIDO, 2004, p.68).

Bosi (2017) afirma que foi pelo prosaico, pelo irônico, pelo antirretórico que Drummond se firmou como poeta congenialmente moderno, e que ele pôde oferecer a seu tempo “a antilira que corta os vínculos com a expressão transparente dos afetos, não para negá-los, mas para pôr em evidência a condição de absurdo feroz em que mais uma vez está submergido o vasto mundo” (BOSI, 2017, p.475).

Alcides Villaça (2006, p. 9) diz que “o eu irônico do poeta não é uma simples modalidade de temperamento ou disposição pessoal de espírito: nasce com a carga das cobranças extremas e irreduzíveis, entre as quais a que pergunta por um mundo melhor”.

Drummond trouxe em sua poesia uma consciência social notada por Antonio Candido (2004), que diz que ela surge para o poeta como possibilidade de resgate da consciência do estado de emparedamento e da existência da situação de pavor, dando como exemplo o poema “A flor e a náusea”.

[...] a condição individual e a condição social pesam sobre a personalidade e fazem-na sentir-se responsável pelo mundo mal feito, enquanto ligada a uma classe opressora. O ideal surge como força de redenção e, sob a forma tradicional de uma flor, rompe as camadas que aprisionam (CANDIDO, 2004, p.105).

Além disso, Affonso Romano de Sant’Anna (1992, p. 15), identifica na obra drummondiana uma estrutura teatral dividida em três partes: o “Eu maior que o mundo”, o “Eu menor que o mundo” e o “Eu igual ao mundo” que se articulam sob o drama existencial de um personagem, o gauche, cuja identidade deriva da própria biografia do poeta. Além disso, Drummond “converte o que seria simplesmente biográfico em elemento bibliográfico” (SANT’ANNA, 1992, p. 21).

De acordo com Fábio Lucas (1978, p. 241), “Drummond se tem distinguido por um momento que faz dos momentos efêmeros marcos de

significação prolongada, que transforma o banal de todos os dias em formas concisas de essências duradouras”. A realidade é modificada, carregada de sentido, ganha significado ao ser transformada em poesia.

Por fim, Villaça (2006) pôde identificar na obra drummondiana uma conexão ou, mais ainda, uma circunstância presente:

Quem acompanhe essa poesia [drummondiana] de modo diacrônico, no rastro das sucessivas tensões, traçará uma biografia íntima do poeta; quem reflita sobre a significação de seus passos e pondere as ligações mais agudas entre o sujeito e seu tempo problemáticos verá contada um pouco da nossa história (VILLAÇA, 2006, p. 17).

2.2.2. Os temas da poesia drummondiana

Na década de 1960, o poeta Carlos Drummond foi convidado por sua editora, a Editora do Autor, a preparar uma antologia de sua própria obra, que se intitularia *Antologia poética* e que foi publicada em 1962. Ao selecionar os poemas, Drummond os organizou e os separou em nove temas que constituem as nove partes da antologia, temas esses que foram nomeados por ele de maneira poética.

A primeira parte, “Um eu todo retorcido”, trata da questão do indivíduo e de sua complexidade, expressa por palavras como “retorcido”, “curvo”, “torto” e “gauche”, ou seja, desajeitado, incapaz e tímido”. O primeiro poema da obra, “Poema de sete faces”, presente também em sua obra *Alguma poesia*, aborda sete faces, como já diz o nome, de um “eu” fragmentado.

Na segunda, “Uma província: esta”, Drummond apresenta alguns de seus poemas que falam sobre sua terra natal, como “Confidência do itabirano” (do livro *Sentimento do mundo*), em que diz o que herdou de sua cidade. Na parte seguinte, “A família que me dei”, o autor fala sobre sua família e sua infância, como no poema “Infância”, o qual fala de seus pais e de um de seus irmãos.

Pode-se dizer que a obra *Versos de circunstância*, que será apresentada neste trabalho, se insere em “Cantar de amigos”, já que apresenta circunstâncias pessoais do poeta, que faz homenagens para amigos do plano poético, ou seja, que ele não teve contato próximo ou até mesmo nem fez parte de sua época, mas que Drummond julgou necessário homenagear e, também, do plano real, que são amigos com quem ele realmente conviveu. Exemplos dessa parte são os poemas “Canto ao homem do povo Charlie Chaplin” e “Mário de Andrade desce aos infernos”.

Já a parte “Na praça de convites”, trata da poesia da segunda fase, a poesia engajada, dentro da proposta dos autores do Modernismo de 30, pois traz o tema do choque social, decorrente da violência humana, do sofrimento e do medo, além de apresentar fatos históricos como a Segunda Guerra Mundial. É a esta parte, então, que o tema deste trabalho se tangencia, uma vez que apresenta fatos realmente ocorridos, fatos históricos.

Em “Amar-amaro”, os poemas tematizam o amor e o conhecimento amoroso de forma melancólica e realista; na sétima parte, denominada “Poesia contemplada”, o que ocorre é o uso da metalinguagem, ou seja, usa a poesia para falar sobre a própria poesia, para refletir sobre seu fazer poético.



A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

Na penúltima seção, “Uma, du duas argolinhas”, Drummond faz jogos com as palavras e experimentos lúdicos, em sintonia com a poética experimentalista da primeira fase do Modernismo; e, por último, “Tentativa de exploração e de interpretação do estar-no-mundo”, parte que trata da relação do indivíduo com o mundo, falando sobre a existência e suas contradições, tentando buscar sentido para ela.

Diante disso, como já dissemos, vê-se que, apesar de não ser possível enquadrar completamente a poesia de circunstância e os poemas do corpus deste trabalho na quinta parte desta *Antologia poética*, “Na praça de convites”, pode-se considerar que pelo menos se tangencia a ela, por trazer o tema de fatos realmente ocorridos, ou fatos históricos.

Os poemas que são corpus deste trabalho tratam da violência contra a natureza, como a inundação do Parque Nacional para a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu; outro, trata do fato histórico da chegada do homem à Lua e propõe uma reflexão sobre a violência do homem contra ele mesmo, que não busca ser melhor e tratar dos principais problemas da sociedade, e por fim, o poema, que tenta criar uma espécie de “manual de instruções”, uma “receita” (mesmo que às avessas) em relação à circunstância do Ano Novo, para que seja uma inspiração ao ser humano, que busca tantas mudanças mas não muda a si mesmo.

De certa forma, todos esses temas se conectam e constroem uma identidade poética, daí a importância da *Antologia poética* para o leitor de Carlos Drummond de Andrade, uma vez que identifica os temas permanentes de sua obra, que são tratados ao longo de sua produção conforme o contexto em que se insere e a perspectiva do poeta. Isso se deve ao fato de que Drummond atravessou várias épocas, pois publicou sua obra desde o início do século XX (entre as décadas de 20 e 30) até bem perto de sua morte, na década de 80, assim, suas obras sofrem transformações e abordam temas com diferentes perspectivas.

2.3 Contextualização do corpus

Para se compreender um texto, primeiramente, precisa-se conhecer o seu contexto histórico, bem como em que obra foi publicado, por essa razão, buscamos situar os poemas que constituem o corpus desta pesquisa em relação a suas publicações de origem, e apresentar algumas informações relevantes sobre essas publicações para a leitura dos poemas.

O poema “O homem; as viagens”, foi escrito logo após a primeira viagem do homem à Lua, em 1969 e foi publicado na obra *As impurezas do branco*, lançada no ano de 1973. É importante citar que os anos 60 e 70 foram marcados pela competição entre os Estados Unidos e a União Soviética em muitos campos, inclusive na exploração do cosmos, uma disputa que recebeu o nome de corrida espacial.

A obra integra, em seu discurso, as manifestações culturais do mundo contemporâneo, a consciência da sociedade dos anos 60 e 70. O poeta concretiza, por meio dela, sua visão de mundo, principalmente no que diz respeito aos acontecimentos ocorridos entre essas duas décadas. Drummond mantém o tempo presente em toda sua obra, dando-nos testemunho de sua experiência como

indivíduo e ser social. Tendo em vista que o ser se realiza na história, ele é temporalidade, por isso, sua obra torna-se documento histórico, assinalando fatos de experiência individual, como os fatos de sua vivência poética, familiar, interiorana e urbana, e também de experiência coletiva, fatos nacionais e internacionais. Além disso, a intertextualidade que permeia a obra, denota a comunhão que pode haver entre diversos textos.

Drummond capta a realidade externa e a traz para sua obra, assim, encontram-se, nos poemas nela inseridos, temas mais particulares como os componentes de uma casa, no poema “Criação”; sobre o Brasil, no poema “Canto brasileiro”; sobre Minas, no poema “A palavra Minas”, e, depois, temas mais gerais e abrangentes como os que falam de procedimentos poéticos que se desprendem das normas clássicas da lírica: como o processo de repetição no poema “Confissão”, de temática filosófico-existencial, as viagens interplanetárias e os temas metafísicos como a morte, viver e Deus. A obra questiona, em sua maior parte, as relações entre a arte e a sociedade, o homem e o mundo, e a literatura com ela mesma. O poeta tenta construir a partir daí uma denúncia e recusa de valores socioculturais e estéticos presentes na época, além do conflito do homem com seus valores filosófico-existenciais, perseverando em uma nova realidade.

Dentro do contexto circunstancial, podem-se reconhecer poemas que foram escritos em homenagem a pessoas que possuíam grande valor social, como em “Tiradentes”; “Beethoven”; “Ausência de Rodrigo” e “O poeta irmão”, e o poema sobre a viagem do homem à Lua: “O homem; as viagens”, contido no corpus deste trabalho.

Por fim, o título da obra *As impurezas do branco* parece apontar para um compromisso que a poesia possui consigo mesma, com sua época e com o homem, mesmo que para isso se torne “impura” devido à contaminação de textos não artísticos. Ou ainda, pode trazer a crença numa poesia pura, já que o “branco”, é símbolo de pureza, de sublimação, de transcendência, algo elevado, e mais ainda, a fusão de todas as cores, associado à “impureza” que constrói um grande paradoxo.

Quanto ao poema “Adeus a Sete Quedas” foi publicado no dia 09 de setembro de 1982, no *Jornal do Brasil*, capa do Caderno B, em decorrência, como dissemos, da destruição do Salto de Sete Quedas, em Guaíra – PR. O parque nacional foi inundado para a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, considerada a maior do mundo até 2012, e que, atualmente, ocupa o segundo lugar.

[Digite texto]



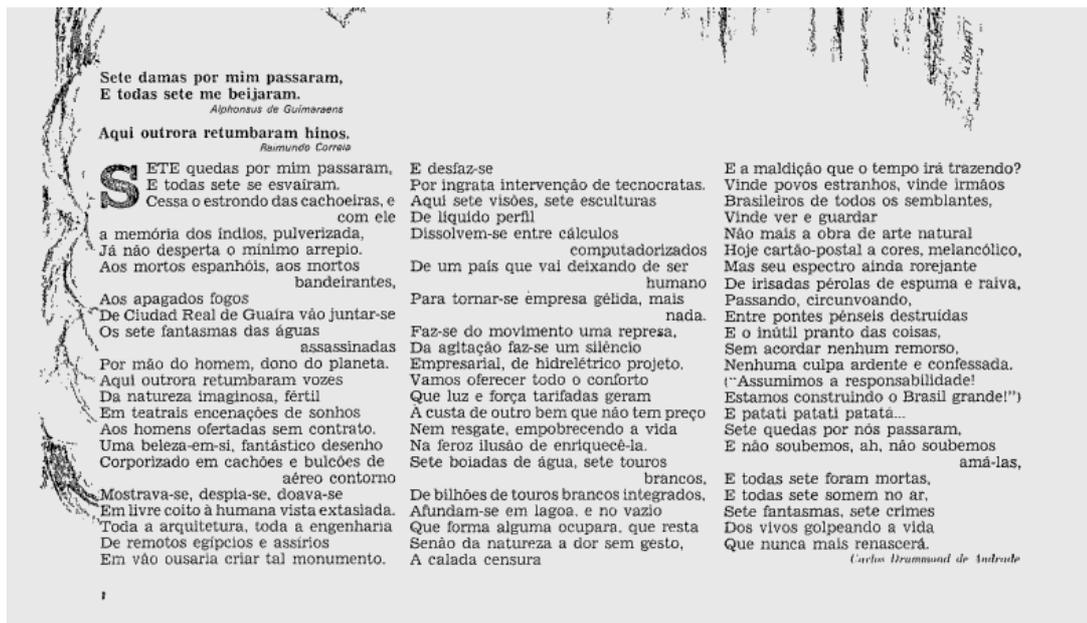
A “CONSAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

Figura 1 – *Jornal do Brasil*



Fonte: JORNAL DO BRASIL, 1982, p. 8.

Figura 2 – *Jornal do Brasil*



Fonte: JORNAL DO BRASIL, 1982, p. 8.

Carlos Drummond de Andrade, como muitas pessoas, demonstrou o seu descontentamento e indignação pela destruição do patrimônio natural brasileiro tão importante e rico, causando grande impacto ambiental. Dessa forma, o autor escreveu “Adeus a Sete Quedas” e, após um mês, a crônica “Sete Quedas poderia ser salva”, também publicada no *Jornal do Brasil*, no dia 07 de outubro de 1982.

Quanto ao poema “Receita de Ano Novo”, foi publicado por Carlos Drummond de Andrade no livro *Discurso de primavera e algumas sombras*, em 1977, quando o poeta estava com setenta e cinco anos. Como se sabe, a década de 1970, coincide com o tempo da Conferência de Estocolmo, a primeira grande

discussão mundial, organizada pela ONU, a respeito da civilização industrial diante da natureza, por isso a obra aborda, como motivo central, a preocupação com o natural.

O poeta faz uma crítica satírica e mostra sua indignação com a devastação causada pelo homem na natureza. Por isso, essa poesia torna-se sempre necessária e atual, já que o homem não revê seus atos. Como exemplo, o poema “Águas e mágoas do Rio São Francisco”, retoma a tragédia histórica da seca artificial do rio sertanejo, provocada pelo seu contato cada vez mais intenso com a “civilização” ao longo do tempo, tratando claramente uma questão do meio rural.

A obra organiza-se em seis seções: “Notícias do Brasil”, “Os marcados”, “São Sebastião e pecadores do Rio de Janeiro”, “Capítulos de história colonial”, “Assim vai (?) o mundo” e “Música de fundo”. A primeira, a terceira e a quinta partes contêm a poesia social (ecológica, política); já a última, “Música de fundo”, em que o poema “Receita de Ano Novo” está inserido, aborda questões culturais, e a partir disso, Drummond faz reflexões sobre as relações que o homem mantém com o passado (individual e coletivo) e com o presente, e funda sua esperança em um indivíduo que seja capaz de responder criticamente às solicitações do tempo presente em que estiver vivendo.

Por fim, sabe-se que o poeta escreveu três cadernos denominados *Versos de circunstância*, cujos versos escritos mostram como a literatura era intrínseca à vida do poeta. Drummond escreveu, nos cadernos, homenagens e dedicatórias antes de serem enviadas para o destinatário, ou seja, seus familiares e amigos.

De acordo com o organizador do livro, “Drummond museografou - guardou resíduos – parte de sua própria história pessoal, perfeitamente confundida com sua vida literária. Quero dizer, com isso, que o registro daqueles versos circunstanciais teve sua origem, necessariamente, a consciência aguda do desaparecimento, da dispersão, mas também o sentimento de que a escrita pode ultrapassar a morte. Na poesia drummondiana, tudo parece animar-se pelo motor do acontecimento e da memória [...] (FERRAZ, 2011, p. 9).

Eucanaã Ferraz reuniu os poemas presentes nos três cadernos no livro *Versos de circunstância* (2011), obra rica e cheia de detalhes que perpassam por diversos episódios da vida de Drummond, desde acontecimentos datados, como as festas de final de ano, até acontecimentos pontuais, feito por meio de homenagens e dedicatórias a amigos próximos. Todos os poemas são movidos pelas circunstâncias vividas por Drummond, os quais Eucanaã Ferraz resume de forma envolvente no prefácio “E esta nota”:

[...] nos poemas desses pequenos cadernos, modestos e envelhecidos, cuja marca – De Luxe – esplandece como uma ironia drummondiana. Deles saltam nomes, datas, acontecimentos, conversas, segredos, declarações, fragmentos que forjam a representação quase teatral de um ruidoso trânsito de memórias (FERRAZ, 2011, p. 10).

A apresentação desta obra, nesta pesquisa, tem o objetivo de demonstrar a prática do poeta que transformava em poesia (versos) suas vivências especiais, mesmo que triviais, cotidianas. O texto “Artes de querer bem” escrito por Marco Antonio de Moraes, presente no livro, fala sobre o contexto dos versos



A “CONSAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

presentes nos três cadernos escritos por Drummond e o motivo pela escolha do título "Versos de circunstância", tratando a origem dos poemas reunidos na obra, que são dedicatórias feitas pelo poeta em obras como *Viola de Bolso*, publicado em 1952; *Claro Enigma*, de 1951; *Boitempo & a falta que ama*, de 1968; *Lição de coisas*, de 1962; *Sentimento do mundo*, publicado em 1940; *Alguma poesia*, em 1930. Refere-se também à parte “Cantar de Amigos”, da *Antologia poética* de Drummond, já que nela, foram reunidos os poemas de dedicatória:

Nos 295 poemas de ocasião, sempre redigidos a tinta, distintamente separados uns dos outros, a poesia está a serviço de manifestações de amizade, de agradecimentos ou testemunho de admiração. Somam-se dedicatórias previamente fixadas em obras recém-saídas da prensa ou em algumas mais antigas; mensagens em cartões de boas-festas, principalmente nos finais de ano; demonstração de agrado ao receber livros, presentes (gravura, retrato, doce de amêndoa etc), ou de reconhecimento por pequenos favores [...] (MORAES, 2011, p. 15).

Partindo para os poemas de Carlos Drummond de Andrade, o primeiro caderno se inicia com “Dedicatórias de *Claro Enigma*”, reúne, como o próprio nome diz, dedicatórias para amigos que receberam o livro *Claro Enigma* de presente. Inicia-se com o verso “A Julietinha e Manolo”. Em seguida, “Boas festas 1951-1952-1952”, reúne mensagens escritas em razão das festas de fim de ano, como “A Rosita de Sousa”, desejando a ela um bom ano.

O segundo caderno começa com o capítulo “Dedicatórias de *fazendeiro do ar*”, contendo versos como “N. M. S. e P. B.”, onde diz que “[...] Terra onde a arte moderna, trigo/ bem semeado, irá florescer” (DRUMMOND, 2011, p. 97). Depois, o capítulo “Boas-festas 1954-5” traz novos poemas com temas referentes às festas de Natal e Ano Novo, demonstrando o carinho que tinha pelos homenageados com palavras singelas como o verso que escreveu para Celina, chamado “C. F.”, dizendo que “[...] o verso puro é Celina/ e outro igual não pode haver” (DRUMMOND, 2011, p. 106).

“Em benefício da construção da igreja de Copacabana”, com um poema, por exemplo, a Paulo Gomide, dizendo que “De Paulo Gomide a poesia agride toda convenção [...]”. “Dedicatórias de *Viola de Bolso*, 2. Edição”, segue a ideia de “Dedicatórias de *Claro Enigma*”, homenageando amigos como Manuel Bandeira. Em seguida, com “Natal dos bichos”, oferece, como exemplo, um poema ao seu cachorrinho. “Dedicatórias de *Viola de Bolso e Fazendeiro do Ar*”, como dito anteriormente, são poemas relacionados aos dois livros mencionados, que tanto refletem nos versos de circunstância. Em “Boas-festas 1956-57”, o autor dedica, mais uma vez, poemas com votos de ano novo a alguns amigos, precedendo “Diversos”, parte que engloba poemas variados com dedicatórias variadas.

No terceiro caderno, o primeiro capítulo é nomeado com a data “1961-62” como nome, pois os poemas são datados desses anos, como o “VIII Poema de inauguração de 1962”, chamando o primeiro mês do ano, janeiro, como “dia amigo”. A próxima parte refere-se aos anos seguintes, “1962-1963” e contém dedicatórias para Affonso Penna, Plínio Doyle e outros. Em “1963-1964”, há um poema “A Ribeiro Couto”; em “1964-1965”, fez uma “Dedicatória da *Antologia poética* (de Lisboa)”; em “1965-1966”, um dos versos fala, novamente, de Plínio Doyle, e segue

HERNANDES, A. F.; FREITAS, G. S.; FALEIROS, M. O.

com uma parte especial a ele, “Dedicatórias de Plínio Doyle”. Por fim, em “Natal (1966), escreve mensagens de feliz natal a muitos amigos e até uma “Receita (malograda) de lombinho de porco à mineira”.

A obra é pautada nos instantes que foram transformados em poemas. De acordo com Moraes (2011, p. 15), Carlos Drummond de Andrade “preserva as cópias dos textos, imaginando que, de alguma forma, tornam presentes os companheiros de jornada, momentos de uma vida traduzidos pela poesia”.

Ainda segundo este comentador, este livro está centrado em temas da realidade e do cotidiano do autor, como dedicatórias, homenagens, mensagens desejando boas festas, acontecimentos da vida pessoal do poeta. É possível perceber como as circunstâncias naturais da vida, já recheadas de poesia, são materializadas em versos reflexivos, críticos e até com humor. São versos simples, repletos de sentimentos e da relação do autor com o mundo:

Nestas páginas, na caligrafia tão fluente do escritor, dedicatórias, augúrios, homenagens e outros textos vinculados pela dicção lírica modelam uma poética do encontro, na qual a vida se mostra, em sua plenitude, como “feixe de ternuras (MORAES, 2011, p. 51).

3 Fundamentação teórica: o ato poético e o instante

A obra que será estudada é *O arco e a lira*, de Octavio Paz, pois ela traz importantes contribuições para as reflexões propostas no trabalho sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade. A abordagem teórica foi escolhida pois, além de falar sobre a poesia e sua estrutura, mostra como o instante é “consagrado” por meio dela.

3.1 O poema como manifestação da poesia: suas características como arte literária

Na introdução, o autor trata sobre a distinção entre “Poesia e poema”, e descreve a poesia como algo abstrato, sendo ela a expressão ou a experiência estética; o que distinguiria, então, a poesia do poema, conceitos frequentemente confundidos, uma vez que, o poema é a vivência estética, a encarnação da poesia, podendo ser um arranjo artístico, não necessariamente literário.

Para Paz (1982, p. 15), “o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal”. Levando em conta o poema enquanto linguagem, o autor fala sobre a distinção feita por Aristóteles na *Arte Poética*, quando cita Homero, poeta, e Empédocles, filósofo, que não possuem nada em comum, somente a métrica, pois ambos escreveram em versos, utilizaram as técnicas do poema, mas não são todas as obras que possuem poesia. Existe poema sem poesia e existe poesia que não é, necessariamente, um poema: “O poema não é uma forma literária, mas o lugar de encontro entre a poesia e o homem. O poema é um organismo verbal que contém, suscita ou emite poesia. Forma e substância são a mesma coisa” (PAZ, 1982, p. 17).

Realiza-se, então, uma comparação com alguns utensílios, pois os poemas são completamente diferentes, só possuem um ponto em comum: são obras humanas. A matéria utilizada para elaborar um poema transcende o



A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

utilitarismo, pois não possui uma razão para ser construído, ao contrário de uma cadeira, obra da marcenaria. A cadeira possui uma forma de ser feita e, se repetida, constroem-se cadeiras idênticas. O mesmo não ocorre com um poema, pois não há uma fórmula de elaboração.

Cada poema é um objeto único, criado por uma ‘técnica’ que morre no instante mesmo da criação. A chamada ‘técnica poética’ não é transmissível porque não é feita de receitas, mas de invenções que só servem para seu criador (PAZ, 1982, p. 20).

Portanto, os poemas são produtos humanos diferentes uns dos outros, mesmo quando há um estilo da época, que existe nas escolas literárias, cada poeta vai realizar esse estilo de forma particular e individual. Para exemplificar, o autor diz que Góngora não pode ser encarado como o Barroco, movimento literário ao qual pertence, e o Barroco não pode ser visto como Góngora, que é a representação máxima desse movimento literário. Há uma realização pessoal, um estilo próprio, que só pode ser encontrado nele.

O desejo de um artista é ultrapassar esse estilo histórico, pois ele é o ponto de partida, mas possui, ainda, sua singularidade. Sem estilo, não existe poema, mas se o estilo de um poeta, por exemplo, fosse puramente o de seu tempo, ele não teria a independência e unicidade que possui, pois, de acordo com Paz (1982, p. 20), “O poeta utiliza, adapta ou imita o fundo comum de sua época, isto é, o estilo de seu tempo, porém modifica todos esses materiais e realiza uma obra única”. A obra de arte é proveniente de uma matéria prima, que, no caso do poeta, é a linguagem, ou seja, as palavras que possuem uma pluralidade de sentidos, ligados às circunstâncias da vida.

Ao ler um poema, o leitor atinge um estado poético ao ir além de si, rompe com as barreiras temporais e espaciais, pois, de acordo com o autor, “a experiência do poema se dá na história, é história e, ao mesmo tempo, nega a história” (PAZ, 1982, p. 30). O leitor vive como os personagens e entra na obra como participante ativo. A história é transformada no poema, recheada de poesia, permite uma viagem a diferentes épocas, momentos e circunstâncias, consagrando, para sempre, o instante. O poema é como um ritual que promove a presentificação do mito, do instante que se consagra em poesia.

3.1.1 A linguagem do poema

Após falar sobre a relação entre poesia e poema, Paz (1982) passa a tratar do poema em si, iniciando pela linguagem. Segundo ele, a história está impregnada da linguagem, o homem e as palavras são indissociáveis, “o homem é um ser de palavras” (PAZ, 1982, p. 36). A linguagem funda a realidade, desde o princípio, tudo era verbo. A linguagem é forma de expressão, comunicação e conhecimento. Sem ela, o pensamento não seria possível, a comunicação não seria efetiva.

Ao conhecer algo novo, antes de qualquer coisa, esse “algo” é nomeado, tamanha importância das palavras: “Aquilo que ignoramos é o inominado. Toda aprendizagem principia com o ensinamento dos verdadeiros nomes das coisas

e termina com a revelação da palavra-chave que nos abrirá as portas do saber. Ou com a confissão de ignorância: o silêncio” (PAZ, 1982, p. 37). Não há saída, tudo é linguagem e tudo por ela se constitui:

A linguagem é uma condição da existência do homem e não um objeto, um organismo ou um sistema convencional de signos que podemos aceitar ou rejeitar. O estudo da linguagem, nesse sentido, é uma das partes de uma ciência total do homem (PAZ, 1982, p. 37).

Na fala, a linguagem está se inovando a todo momento, sempre surgem novas palavras, novas expressões, imagens, jogos de palavras e metáforas. Como o homem, ela nasce, cresce e morre. Relacionando-a com o poema, pode-se dizer que ela é seu alimento. O poema transcende as expressões da língua, por meio das figuras de linguagem, dos efeitos de sentido e da plurissignificação das palavras e difere das expressões poéticas que se encontram no mesmo nível da fala. Para Paz (1982, p. 43), “A fala, a linguagem social, concentra-se no poema, articula-se e levanta-se. O poema é linguagem erguida”.

A poesia moderna possui valores mágicos e, ao mesmo tempo, revolucionários. Nela, a linguagem é poesia e as palavras, metáforas. A linguagem precisa do homem para se efetivar, e o homem precisa da linguagem para elevar-se por meio de poesia. Na criação poética, o artista tira o sentido mais profundo das palavras, desconstruindo e construindo ideias, hábitos e imagens. O poema é único, novo, sem limitação de tempo e espaço. Os leitores fazem parte da criação ao colocar o seu olhar sobre a obra:

O poeta o cria; o povo, ao recitá-lo, recria-o. Poeta e leitor são dois momentos de uma mesma realidade. Alternando-se de uma maneira que não é inexato chamar de cíclica, sua rotação engendra a chispa – a poesia (PAZ, 1982, p. 47).

O poema deve ter uma linguagem comum, viva, pois ele só é realmente efetivado quando é lido, repassando seus poderes, como o humor. O poeta pertence à sociedade, mas e a poesia? Ela habita o profundo. Poema é construção, é recriação e voz. Mostra a sociedade, o indivíduo, o povo, pois “O poema nos revela o que somos e nos convida a ser o que somos” (PAZ, 1982, p. 50), porém, para ser maduro, precisa ser escrito nessa linguagem comum, para ser compreendida e concretizada. Essas palavras não são pesquisadas ou procuradas, elas estão no íntimo do poeta desde sempre, ele apenas as reconhece e recria, é tudo novo e individual: “O poeta não é um homem rico em palavras mortas, mas em vozes vivas” (PAZ, 1982, p. 55). Ele é seu servo e resgata a própria interioridade ao servi-las.

3.1.2 Ritmo, verso e prosa no poema

Segundo Paz (1982), as palavras são independentes e estão em constante movimento, mas deve sempre haver a associação entre signos e sons, originando as frases, para que possam ser considerada como linguagem. A frase pode ser considerada, portando, a unidade mais simples da fala, livre e



A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

insubordinada. A gramática violenta a frase ao exigir a análise de cada vocábulo. Isso pode ser visto nas crianças, ineptas a isolar as palavras.

O poema é tão complexo quanto a frase. Ele não utiliza palavras soltas ao escrever, pelo contrário, utiliza um arranjo para estabelecer sentido. As palavras se unem por si só, levando em conta o ritmo. E isso é poesia, o ritmo é proposital, pois, de acordo com o autor, “A criação poética consiste, em grande parte, nessa utilização voluntária do ritmo como agente de sedução” (PAZ, 1982, p. 64). Sem ritmo, não há poema. Ele é um elemento da linguagem, o mais velho, e, possivelmente, é mais antigo do que a fala. Antes da existência da fala, acredita-se que o ritmo já existia. O ritmo é o próprio tempo original:

O tempo não está fora de nós, nem é algo que passa à frente de nossos olhos como os ponteiros do relógio: nós somos o tempo, e não são os anos mas nós que passamos (PAZ, 1982, p. 69).

O ritmo não é apenas uma medida, ele revela um caminho e ocasiona uma espera, uma expectativa. Provoca choque, se interrompido, é um “ir em direção a” algo. Com o ritmo, o tempo deixa de lado a abstração e volta para o concreto, é repetição, é ir para frente e transcender. Ele está entranhado nas palavras e nos indivíduos, “a própria história é ritmo” e pode ser percebido e utilizado das mais diversas formas.

Em toda expressão verbal, verifica-se o ritmo, como dito anteriormente, até mesmo a linguagem é proveniente do ritmo, cuja manifestação totalmente efetivada ocorre somente no poema, todo poema possui ritmo. Já na prosa, que exige muito esforço em sua criação, esse elemento não basta, ela não precisa dele para existir e produzir sentido, pois, de acordo com o autor, “Pela violência da razão as palavras se desprendem do ritmo; essa violência racional sustenta a prosa [...]” (PAZ, 1982, p. 82).

A poesia é histórica e sempre existiu em todos os povos, em todas as épocas e em todas as circunstâncias, seja ela expressa em um poema, em uma música, em um mito ou em qualquer outra expressão poética. Ao contrário, é possível não existir prosa, já que ela foi uma criação humana, muitas sociedades sobreviveram sem ela, pois isso é considerada um “gênero tardio”, sendo utilizada para criticar, discursar, demonstrar e analisar. Na prosa, o tempo evolui, pois ela prevê um enredo que se dá em uma linha cronológica. O poema anula o tempo, ele consagra o instante: o tempo não passa, a poesia dá voltas em torno de si mesma, como diz Valéry, a poesia dança enquanto a prosa marcha, se volta sobre si mesma, como um caracol, produz ritmo a todo momento.

3.1.3 A imagem no poema

Para Octávio Paz (1982), a imagem é indissociável do ritmo e passa, portanto, para o comentário sobre ela começando pela sua pluralidade de significados, mas o importante para a análise atual é que, de acordo com os escritos:

[...] toda forma verbal, frase ou conjunto de frases, que o poeta diz e que, unidas, compõem um poema. Essas expressões verbais foram classificadas

HERNANDES, A. F.; FREITAS, G. S.; FALEIROS, M. O.

pela retórica e se chamam comparações, símiles, metáforas, jogos de palavras, paronomásias, símbolos, alegorias, mitos, fábulas, etc. Quaisquer que sejam as diferenças que as separam, todas têm em comum a preservação da pluralidade de significados da palavra sem quebrar a unidade sintática da frase ou do conjunto de frases (PAZ, 1982, p. 119).

A imagem permite a união dos contrários, ou seja, elementos opostos, que são unificados para a produção de um efeito de sentido, um jogo de palavras, presente no poema, mas sem perder o seu sentido literal:

[...] as pedras são plumas, isto é aquilo. Os elementos da imagem não perdem seu caráter concreto e singular: as pedras continuam sendo pedras, ásperas, duras, impenetráveis, amarelas de sol ou verdes de musgo: pedras pesadas. E as plumas, plumas: leves. A imagem resulta escandalosa porque desafia o princípio da contradição: o pesado é o leve (PAZ, 1982, p. 120).

Dessa forma, há a união de contrários, pois leva-se em conta não somente o significado figurado, mas o real, ou seja, sua referência original. Ainda assim, o poema não se prende apenas nisso. A linguagem vai além dos limites da realidade: para Paz (1982, p. 136), “o dizer poético diz o indizível”.

A imagem e a poesia se conectam com a questão do imaginário e com a produção de sentido, desafiando e contradizendo a realidade. Alguns exemplos são as metáforas, as comparações, os mitos e o herói trágico. A imagem é plurissignificativa e mostra tudo o que quer dizer no poema, promovendo sentido em diferentes aspectos. Elas revelam o mundo, o leitor e o poeta, sem que seja necessário explicá-la:

A imagem não explica, convida-nos a recriá-la e literalmente a revivê-la. O dizer do poeta se encarna na comunhão poética. A imagem transmuta o homem e converte-o por sua vez em imagem, isto é, em espaço onde os contrários se fundem. E o próprio homem, desenraizado desde o nascer, reconcilia-se consigo quando se faz imagem, quando *se faz outro*. A poesia é metamorfose, mudança, operação alquímica, e por isso confina com a magia, a religião e outras tentativas para transformar o homem e fazer “deste” ou “daquele” esse “outro” que é ele mesmo (PAZ, 1982, p. 137).

3.2 A revelação poética

Faz-se necessário compreender o ato poético que, segundo Paz (1982), é um ato que não constitui uma interpretação, mas uma revelação da condição humana. E por se tratar da condição humana, aborda temas recorrentes como a vida e a morte, fatores principais para estar nessa condição. A poesia não fala somente sobre esses dois extremos, o início e o fim, mas também todo o percurso da vida, e todos os sentimentos que ocorrem durante a vivência: a angústia, o tédio, a solidão, a felicidade, a consciência, o amor. Todos esses estados formam uma espécie de maré rítmica: “a revelação da nulidade do homem se transforma na de seu ser. Morrer, viver: vivendo morremos, morremos vivendo” (PAZ, 1982, p. 183). Ou seja, a morte não se separa da vida, é preciso viver para morrer, e para morrer, é preciso antes viver.



A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

Já que a poesia trata da condição humana, o poeta é quem cria o ser, pois, segundo Paz (1982), o ser não é algo dado, mas algo que é feito, por isso, a “revelação” já citada anteriormente, é sempre resolvida numa criação de nós mesmos. Nós, que somos carentes do ser, e ao mesmo tempo conquista do ser, um ser que nomeia outros seres. Essa condição paradoxal do homem revela sua “outridade”, ou seja, o homem se realiza ou se completa quando se torna outro, justamente por possuir dentro de si inúmeros sentimentos, uma pluralidade.

3.3 A inspiração

A primeira dificuldade encontrada na poesia é, justamente, a ambiguidade que há nos testemunhos da criação poética, já que “a voz do poeta é e não é sua” (PAZ, 1982, p. 191), há sempre uma colaboração inesperada, uma intromissão que consiste no mistério da inspiração. Mas para o teórico, nada vem do nada, e, por isso, para escrever, não é necessário aguardar uma inspiração, mas simplesmente, ter vontade, trabalho e disciplina, lutar contra a corrente. Ou seja, ninguém fala pela boca do poeta, a não ser sua própria consciência, pois “[...] o verdadeiro poeta não houve outra voz, nem escreve um ditado, é um homem desperto e senhor de si” (PAZ, 1982, p. 197).

O poema não é um eco da sociedade, ele é, ao mesmo tempo, sua criatura e o criador, por isso, o mundo não está completamente dentro ou fora de nós, mas ao lado, sempre nos acompanhando. Assim, também, “O poeta é ao mesmo tempo o objeto e o sujeito da criação poética: é o ouvido que escuta e a mão que escreve o que é ditado por sua própria voz” (PAZ, 1982, p. 202).

Todos nós podemos fazer poesia, porque o ato poético é involuntário e sempre se produz como negação do sujeito, porém, o poeta é aquele que possui o dom de atrair essa força poética e convertê-la em imagens.

As palavras somos nós mesmos, fazem parte do nosso ser, e segundo Paz (1982), por fazer parte de nós, também são dos outros, são alheias, são formas da nossa “outridade”. O homem já é tudo que deseja ser, mas a inspiração o lança à ser, “é recordar e voltar a ser. Voltar ao ser” (PAZ, 1982, p. 221).

3.4 A consagração do instante

Se o poema possui palavras, ele é poesia, mas também outras coisas. Para um poema se tornar puro, as palavras precisariam abandonar seus significados e suas referências para significar apenas o ato de poetizar, o que acarretaria seu desaparecimento, pois as palavras pertencem a um povo, e, por isso, carregam o momento da fala desse povo, um tempo e uma história. Sem palavras, o poema se tornaria indizível, e por carregar palavras cheias de significados disto ou daquilo, a poesia também se torna datável e histórica.

O poema, ser de palavras, vai mais além das palavras e a história não esgota o sentido do poema; mas o poema não teria sentido – e nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta (PAZ, 1982, p. 225).

Segundo Paz (1982), o poema separa o instante privilegiado da corrente temporal. Principia algo nesse aqui e nesse agora, e consagra o instante pela poesia. Já o poeta, consagra em fatos seus sentimentos e emoções. Trata-se de um tempo único, que já não é passado nem futuro, mas presente. E apesar de ser filho de um tempo e de um lugar, o poema transcende o tempo, as palavras e a história: “A palavra poética jamais é completamente deste mundo: sempre nos leva mais além, a outras terras, a outros céus, a outras verdades” (Paz, 1982, p. 231).

Os poetas quase nunca possuem a intenção de escrever como um ato de violência, mas, sim, de consagrar com sua palavra as experiências e instituições de sua época, “[...] o poeta consagra sempre uma experiência histórica, que pode ser pessoal, social ou ambas as coisas ao mesmo tempo” (PAZ, 1982, p. 233). Por isso, não é o acaso que dita os assuntos e temas pertinentes, mas a história que se mostra subjacente no poema.

Se o poema está presente “entre os homens”, ele existe em um determinado momento, em uma determinada conjuntura, ou seja, em um determinado instante, que é único e distinto de todos os outros. Cada história possui indivíduos e contextos diferentes, apesar de suas semelhanças, cada uma com sua singularidade, com sujeitos individuais e subjetivos

O poema não é uma explicação da nossa condição, mas uma experiência em que nossa condição se revela e se manifesta. Segundo Paz (1982), a experiência poética é a própria liberdade desdobrando-se para realizar o homem.

Paz (1982) deixa claro que é necessário aproximar-se do poema em sua realidade histórica, para perceber, de forma mais concreta, qual sua função dentro de uma determinada sociedade. Por isso a importância de estudar as circunstâncias dos poemas escolhidos: para que seja possível uma análise, não apenas do que está escrito no poema, mas do que está sendo dito implicitamente.

Buscamos encontrar alguns poemas na obra de Carlos Drummond de Andrade que tivessem sido produzidos a partir de um estímulo externo, pontual e histórico. Essa busca resultou, como dissemos anteriormente, na seleção dos poemas que constituem o corpus deste trabalho: “Adeus a Sete Quedas”, “O homem; as viagens” e “Receita de Ano Novo”, em que se percebe sua ligação com as circunstâncias vividas pelo autor e pelo mundo.

Dessa forma, percebe-se que Drummond, ao escrever, inspirava-se em fatos ou datas significativas a seu critério, e, também, em eventos históricos motivadores do comentário e de suas reflexões poéticas, acrescentando seu ponto de vista sensível e, por vezes, crítico, para conceder sentido e significado àquilo que gostaria de dizer, levando-nos, como leitores, à “revelação poética”.

4 **Leitura e análise do corpus:** a revelação dos instantes consagrados pela poesia de Drummond

Após a apresentação da obra *O arco e a lira*, de Octavio Paz, iniciaremos a leitura e análise do corpus, levando em consideração as importantes contribuições apresentadas pelo teórico, para atingirmos as reflexões propostas no trabalho sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade. Dessa forma, os poemas estão dispostos em ordem cronológica, de acordo com sua data de publicação e o contexto histórico retratado.



A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

4.1 O poema “O homem; as viagens”

O homem; as viagens

O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte — ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro — diz o engenho
sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
vê o visto — é isto?
idem
idem
idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para tever?
Não-vê que ele inventa
roupa insiderável de viver no Sol.
Põe o pé e:
Mas que chato é o Sol, falso touro
espanhol domado.

HERNANDES, A. F.; FREITAS, G. S.; FALEIROS, M. O.

Restam outros sistemas fora
Do solar a col-
onizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícilíssima dangerousíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.
(ANDRADE, 1973, p. 27).

Iniciaremos a análise do poema “O homem; as viagens”, que se constitui de seis estrofes de versos livres e brancos, ou seja, sem métricas e rimas regulares. Ao iniciarmos a leitura do poema, deparamo-nos, já no primeiro verso, com a citação do verso da última estrofe do “Canto I” de *Os Lusíadas*:

O homem, *bicho da Terra tão pequeno*
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua.
(ANDRADE, 1973, p. 27, grifo nosso).

Esse verso, em *Os Lusíadas*, uma obra épica escrita por Camões e publicada em 1572, caracteriza o homem como “bicho da Terra tão pequeno”, a fim de buscar uma reflexão sobre a pequenez humana diante da grandiosidade da natureza.

Essa citação ocorre na tentativa de relacionar a história dos portugueses, suas grandes navegações e a aventura da descoberta humana com a ida do homem à Lua, e como esses dois momentos foram de grande importância na evolução do homem e suas tecnologias, que, primeiramente dominou as águas com os navios, e agora, na atualidade, está em busca de dominar o universo com foguetes e astronautas. Além disso, podemos relacionar o poema de Drummond ao discurso do “Velho do Restelo”, que questiona por que os homens estão indo em todas essas viagens e querem tantas conquistas.



A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

Em seguida, a Terra é caracterizada como um lugar de “muita miséria e pouca diversão” (ANDRADE, 1973, p. 27), para expor as mazelas de uma sociedade com problemas como a fome, a desigualdade, e tantos outros.

O homem chega na Lua, o primeiro corpo celeste além da Terra em que o homem já pisou, “desce cauteloso na Lua/ pisa na Lua/ planta bandeirola na Lua/ experimenta...”. Todos esses verbos no Presente do Indicativo, que indicam uma ação feita pelo homem na Lua, realizam uma gradação, e juntamente com a sonoridade causada pela aliteração do /s/, e a repetição da palavra “Lua”, causam um ritmo mais lento, para deixar claro a cautela e o cuidado que o homem teve em sua primeira aventura.

Insatisfeito com a Lua, na segunda estrofe, o homem parte para Marte, repetindo a mesma estrutura da estrofe anterior ao projetar a nova viagem:

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte — ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.
(ANDRADE, 1973, p. 27).

Assim, já que o homem é tão poderoso do ponto de vista tecnológico, Drummond cria uma hipérbole, pois se o homem chegou até a Lua, poderá conquistar todos os outros planetas, estendendo a viagem para todos os outros lugares. Apresenta fatos fictícios que evidenciam o poder humano do ponto de vista da ciência, ele não possui limites, é como um deus.

Outro fato importante a ser observado é que Drummond ilustra em “ordena a suas máquinas/E elas obedecem” (ANDRADE, 1973, p. 27), o poder do homem que vai para onde quiser, como se fosse uma projeção futura do que aconteceu no século XVI, quando o homem dominou todos os países, e agora, dominará todo o universo.

Novamente, há uma repetição dos verbos no presente do indicativo, que indicam as mesmas ações feitas pelo homem, mas agora em Marte, com “engenho e arte”, outra citação do “Canto I” de *Os Lusíadas*. Nessa estrofe, os verbos são elididos e, assim, o ritmo se agiliza, deixou de ser lento como na primeira estrofe, pois há uma redução dessas ações, que não foram todas executadas conforme na Lua, causando uma breve impressão de que o ato de civilizar outros planetas já não exige tanto cuidado e capricho, pois o homem já se viu capaz de conquistar o que quiser.

Na estrofe seguinte, o autor traz um homem já soberbo, que depois de “descer cauteloso” na Lua, e “pisar” em Marte, agora “põe o pé” em Vênus. Nota-se a dominação que começa a acontecer no Sistema Solar.

HERNANDES, A. F.; FREITAS, G. S.; FALEIROS, M. O.
Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro — diz o engenho
sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
vê o visto — é isto?
idem
idem
idem.
(ANDRADE, 1973, p. 27).

Dessa forma, percebemos a falta de apreciação do homem para com os cosmos quando refere-se a Vênus com “é isto?”. O homem deixou de enxergar as particularidades e surpresas de cada planeta, pois, não há para ele novidade em Vênus, conhecer novos planetas torna-se “idem”, palavra esta que é repetida para dar ênfase àquilo que se tornou trivial, pois ao dizer “idem/ idem/ idem” (ANDRADE, 1973, p. 27), causa um ritmo de espiral, de vai e vem, que permite ao leitor recuperar pela repetição dos processos que já foram feitos, mas não mais importantes, a ponto de serem citados.

Já na quarta estrofe, o homem vai a Júpiter:

O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.
(ANDRADE, 1973, p. 27).

Toda essa ênfase na repetição quando dito: “repetir a fossa/ repetir o inquieto/ repetitório” (ANDRADE, 1973, p. 27), permite ao leitor compreender que esta viagem ao universo tornou-se automatizada, repetida, sem apreciação. Embora domine recursos para viajar por todos os lugares, o homem leva a justiça junto com a injustiça, os processos de vida do homem não mudam. Além disso, vê-se a busca da condensação do discurso poético, que não precisa ser ampliado, apenas repetido, assim como o homem, que não se amplia, mas se repete, não busca mudanças.

Na penúltima estrofe, a incompletude do homem torna-se mais evidente, pois, após tornar o espaço todo igual à Terra, o homem quer mais uma vez tornar-se poderoso.

Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para tever?
Não-vê que ele inventa
roupa insiderável de viver no Sol.
Põe o pé e:
Mas que chato é o Sol, falso touro
espanhol domado.
(ANDRADE, 1973, p. 27).



A “CONSAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

No segundo verso, pode-se perceber a presença de um neologismo “Terra-a-terra”, ao se utilizar de uma expressão já existente, que significa “algo comum”, e adaptá-la com letra maiúscula na primeira palavra, ou seja, todo o espaço se torna comum e conhecido como o planeta Terra.

Sabendo que ao Sol não poderia chegar com sua estrutura física, o homem cria uma roupa que o fizesse acessá-lo, e o fez, mas dessa vez, o homem não se preocupa sequer em repetir os processos de colonização, põe o pé no Sol e, novamente não está satisfeito. Identifica-se aqui um segundo neologismo “Tever”, pois o autor cria uma nova palavra construída a partir das possibilidades virtuais da língua, e permite uma nova possibilidade de interpretação, neste caso, a palavra tem o sentido de “ver na TV”, ou seja, o homem dá uma volta no Sol apenas para se ver na TV. O homem quer ser visto e reconhecido.

Além disso, o eu-lírico se utiliza da imagem do “touro” para convencer o leitor de que o Sol não é tudo aquilo que via enquanto estava na Terra. O touro espanhol é furioso, indomável e instintivo, e o Sol deveria ser como ele, mas não, o homem conseguiu dominá-lo, esse lugar tão insólito, o que causa decepção no eu-lírico.

Na última estrofe, nota-se que todos os planetas do Sistema Solar foram colonizados:

Restam outros sistemas fora
Do solar a col-
onizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícilíssima dangerousíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.
(ANDRADE, 1973, p. 27).

Nessa estrofe, percebemos outros dois neologismos, o primeiro é “onizar”, que ocorre para ressaltar o real significado da palavra, que seria tornar tudo colônia. Em seguida, o autor faz um questionamento: quando o homem colonizar todos os outros Sistemas, e conquistar tudo que desejou, este homem que consome a última geração dos aparelhos eletrônicos, roupas de grife, redes sociais, viagens, que foge tanto do seu interior, estará preparado para enfrentar a sua própria espécie, ou melhor, a si mesmo?

Logo aparece o segundo neologismo, “dangerosíssima”, fazendo uma junção do radical estrangeiro “danger”, que em vários idiomas significa “perigo”, com o sufixo superlativo da Língua Portuguesa, ocasionando, portanto, uma virtualidade construtiva. Tudo isso, para construir enfaticamente uma semelhança de sons com a

palavra que o antecede “difícilima” e também, para tentar universalizar a ideia de perigo, que será compreendida em todas as línguas. Por fim, também enfatiza como será perigosa e difícil essa viagem que o homem fará “de si a si mesmo”, pois terá uma complexidade maior que as já feitas anteriormente.

Para chegar a si mesmo, o homem precisará repetir todos os processos já feitos nos outros planetas, principalmente humanizar o homem. Porém, os verbos de ação que antes eram citados no presente do indicativo, agora estão no infinitivo, uma forma nominal do verbo que não dá indicação sobre a temporalidade. Essa construção foi feita propositalmente pelo poeta, para deixar claro que essas ações deveriam ser perenes. Por fim, faz outra separação, mas para ressaltar o sentido da palavra “con-viver”, na tentativa de deixar claro seu verdadeiro sentido: viver com (o outro), e mais ainda, viver com o hoje, com o amanhã, viver com as alegrias, com as angústias, com a complexidade de ser e suas formas imprevisíveis. Por fim, simplesmente viver.

Fazendo uma reflexão sobre o poema, é possível perceber que o homem busca uma felicidade “comprável”, já que houve um convencimento social de que para se alcançar a completude e a felicidade plena, é necessário um consumo intenso. Essa ilusão resulta em sujeitos que sofrem de um vazio existencial, que buscam loucamente eternizar sua existência. A partir daí, surge a obsessão do homem em conhecer coisas novas, pois torna-se insuportável permanecer consigo mesmo, este homem sem mudanças, que evolui na ciência, mas não no simples fato de viver e estar com os outros.

É possível perceber no poema inúmeras críticas que o autor faz à sociedade, e pode-se reconhecer aqui o que diz Paz (1982) sobre a poesia revelar a condição humana e seus sentimentos. Para isso, Drummond traz uma grande ironia: o homem pode tudo, conquista tudo, realiza seus desejos e metas, mas por que nunca está satisfeito? Porque ainda é pequeno, mesmo que não mais na ciência e na tecnologia, mas possui uma pequenez moral, porque é egoísta e soberbo, porque foge de todos os lugares para fugir dos problemas, falta olhar com atenção ao que menos importava para a sociedade de 1969, e para a sociedade atual: o homem se autoconhecer, olhar para a sociedade, para as desigualdades, a fome, apreciar a vida e as coisas, já que, mesmo depois de ir à Lua, permanece errante, pois se preocupa em buscar o novo, mas não renova a si mesmo.

4.2 O poema “Adeus a sete quedas”

Adeus a sete quedas

*Sete damas por mim passaram,
E todas sete me beijaram.*
Alphonsus de Guimaraens

Aqui outrora retumbaram hinos.
Raimundo Correia

Sete quedas por mim passaram,
E todas sete se esvaíram.
Cessa o estrondo das cachoeiras, e com ele
A memória dos índios, pulverizada,
Já não desperta o mínimo arrepio.



A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND:

poemas de circunstância

Aos mortos espanhóis, aos mortos bandeirantes,

Aos apagados fogos

De ciudad real de guaira vão juntar-se

Os sete fantasmas das águas assassinadas

Por mão do homem, dono do planeta.

Aqui outrora retumbaram vozes

Da natureza imaginosa, fértil

Em teatrais encenações de sonhos

Aos homens ofertadas sem contrato.

Uma beleza-em-si, fantástico desenho

Corporizado em cachões e bulções de aéreo contorno

Mostrava-se, despia-se, doava-se

Em livre coito à humana vista extasiada.

Toda a arquitetura, toda a engenharia

De remotos egípcios e assírios

Em vão ousaria criar tal monumento.

E desfaz-se

Por ingrata intervenção de tecnocratas.

Aqui sete visões, sete esculturas

De líquido perfil

Dissolvem-se entre cálculos computadorizados

De um país que vai deixando de ser humano

Para tornar-se empresa gélida, mais nada.

Faz-se do movimento uma represa,

Da agitação faz-se um silêncio

Empresarial, de hidrelétrico projeto.

Vamos oferecer todo o conforto

Que luz e força tarifadas geram

À custa de outro bem que não tem preço

Nem resgate, empobrecendo a vida

Na feroz ilusão de enriquecê-la.

Sete boiadas de água, sete touros brancos,

De bilhões de touros brancos integrados,

Afundam-se em lagoa, e no vazio

Que forma alguma ocupará, que resta

Senão da natureza a dor sem gesto,

A calada censura

E a maldição que o tempo irá trazendo?

Vinde povos estranhos, vinde irmãos

Brasileiros de todos os semblantes,

Vinde ver e guardar

Não mais a obra de arte natural

Hoje cartão-postal a cores, melancólico,

Mas seu espectro ainda rorejante

De irisadas pérolas de espuma e raiva,

Passando, circunvoando,

Entre pontes pênseis destruídas

E o inútil pranto das coisas,

Sem acordar nenhum remorso,

Nenhuma culpa ardente e confessada.

(“assumimos a responsabilidade!

Estamos construindo o brasil grande!”)

HERNANDES, A. F.; FREITAS, G. S.; FALEIROS, M. O.

E patati patati patatá...

Sete quedas por nós passaram,
E não soubemos, ah, não soubemos amá-las,
E todas sete foram mortas,
E todas sete somem no ar,
Sete fantasmas, sete crimes
Dos vivos golpeando a vida
Que nunca mais renascerá.
(ANDRADE, 1982, p. 8).

Passaremos à análise do poema “Adeus a Sete Quedas” que também é composto por seis estrofes e possui versos livres e brancos, característica típica do Modernismo, escola literária a que o autor pertence. Seu ritmo remete à queda das águas das Sete Quedas e possui tom fúnebre para representar que elas não existem mais. Além disso, compõe-se de duas epígrafes que são retomadas durante todo o poema por meio da recuperação de sentidos, ideias e simbolismos, ou seja, o texto de Drummond dialoga com os textos das epígrafes intertextual e interdiscursivamente, tendo em vista a ideia de que todo texto recupera e transforma o sentido de textos e discursos anteriores, como atesta a proposta de Bakhtin sobre o dialogismo, de onde parte Fiorin (2006) para propor os conceitos de intertextualidade, ou seja, da presença material de textos em outros textos e de interdiscursividade, que pressupõe a recuperação de discursos nesses textos.

Assim, a primeira epígrafe pertence ao poema “Sete damas” de Alphonsus de Guimaraens, um dos principais autores simbolistas do Brasil. Para Bosi (2017, p. 296), “Alphonsus de Guimaraens foi poeta de um só tema: a morte da amada”. A obra em que esse poema está inserido é *Kyriale* e foi publicada em 1902. Bosi (2017, p. 296) observa que “*Kyriale* é um dobre de finados: pelos títulos dos poemas [...]; pela atmosfera pesada e pesadelar que nele se respira; enfim, pela própria linguagem seletiva no léxico e no ritmo solene [...]”. O autor relaciona temas como a religião, o misticismo, a natureza e arte com a ideia da morte, presente em “Sete damas”:

Sete damas

Sete Damas por mim passaram.
E todas sete me beijaram.

E quer eu queira quer não queira.
Elas vêm cada sexta-feira.

Sei que plantaram sete ciprestes.
Nas remotas solidões agrestes.

Deixaram-me como um mendigo...
Se elas vão acabar comigo!

Todas, rezando os Sete Salmos.
No chão cavaram sete palmos.

E era para este lugar que eu vinha...
Meu Deus, se esta sepultura é a minha!



A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

Como os meus olhos estão cansados.
Sete pecados, sete pecados!
(GUIMARAENS, 2019, p. 11).

O poema “Sete damas” é composto por sete estrofes de dois versos, e gira em torno do número sete: são sete estrofes, sete damas, sete beijos, sete ciprestes, sete salmos e sete palmos abaixo na terra. O tom fúnebre do poema é reafirmado pela aliteração em “s” e “r”. A vida retratada no poema já não existe mais, como no poema de Drummond, o que restou foi a morte. O cipreste, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (1997, p. 250), simboliza, ao mesmo tempo, a vida e morte, um paradoxo:

É chamada árvore da vida (cipreste-tuia). Para os gregos e romanos, estava em comunicação com as divindades do inferno. É a árvore das regiões subterrâneas. E está ligada por isso mesmo ao culto de Plutão, deus dos infernos. Orna, também, os cemitérios (CHEVALIER;GHEERBRANT, 1997, p. 250).

A ideia da morte será retomada por Drummond, pois são Sete Quedas, sete perfeições que representavam a beleza em sua totalidade, mas que não existem mais e, de certa forma, sofreram o mesmo que as “sete damas”, cessaram a vida e todo o movimento, “No chão cavaram sete palmos” (GUIMARAENS, 2019, p. 11). Além da morte, é evidenciado o simbolismo do número sete, com variados significados, de acordo com o *Dicionário de Símbolos*:

O sete corresponde aos sete dias da semana, aos sete planetas, aos sete graus da perfeição [...]. Indica o sentido de uma mudança depois de um ciclo concluído e de uma renovação positiva. [...] Ele simboliza a totalidade do espaço e a totalidade do tempo. Associado ao número quatro, que simboliza a terra (com os seus quatro pontos cardeais) e o número três, que simboliza o céu, o sete representa a totalidade do universo em movimento. [...] O número sete, por suas virtudes ocultas, mantém no ser todas as coisas; dá vida e movimento; influencia até mesmo os seres celestes (CHEVALIER;GHEERBRANT, 1997, p. 826).

A segunda epígrafe foi retirada do poema “Saudade” de Raimundo Correia, poeta parnasiano e, de acordo com Bosi (2017, p. 237), “Raimundo Correia esbateu os tons demasiado claros do Parnasianismo e deu exemplo de uma poesia de sombras e luars que inflectia amiúde em meditações desenganadas”. Em suas obras, escreve sobre a procura de solução para os sofrimentos da vida, relacionando, muitas vezes, o tema da busca por resoluções para a problemática existencial com a natureza e até com a mitologia. O poema usado como epígrafe é “Saudade”, que integra a obra *Versos e Verões*, publicada em 1887. O livro contém poesias de cunho reflexivo, descrente e negativa.

Saudade

Aqui outrora retumbaram hinos;
Muito coche real nestas calçadas

HERNANDES, A. F.; FREITAS, G. S.; FALEIROS, M. O.

E nestas praças, hoje abandonadas,
Rodou por entre os ouropéis mais finos...

Arcos de flores, fachos purpurinos,
Trons festivos, bandeiras desfraldadas,
Girândolas, clarins, atropeladas
Legiões de povo, bimbalar de sinos...

Tudo passou! Mas dessas arcarias
Negras, e desses torreões medonhos,
Alguém se assenta sobre as lájeas frias;

E em torno os olhos úmidos, tristonhos,
Espraia, e chora, como Jeremias,
Sobre a Jerusalém de tantos sonhos!...
(CORREIA, 2014, p. 7).

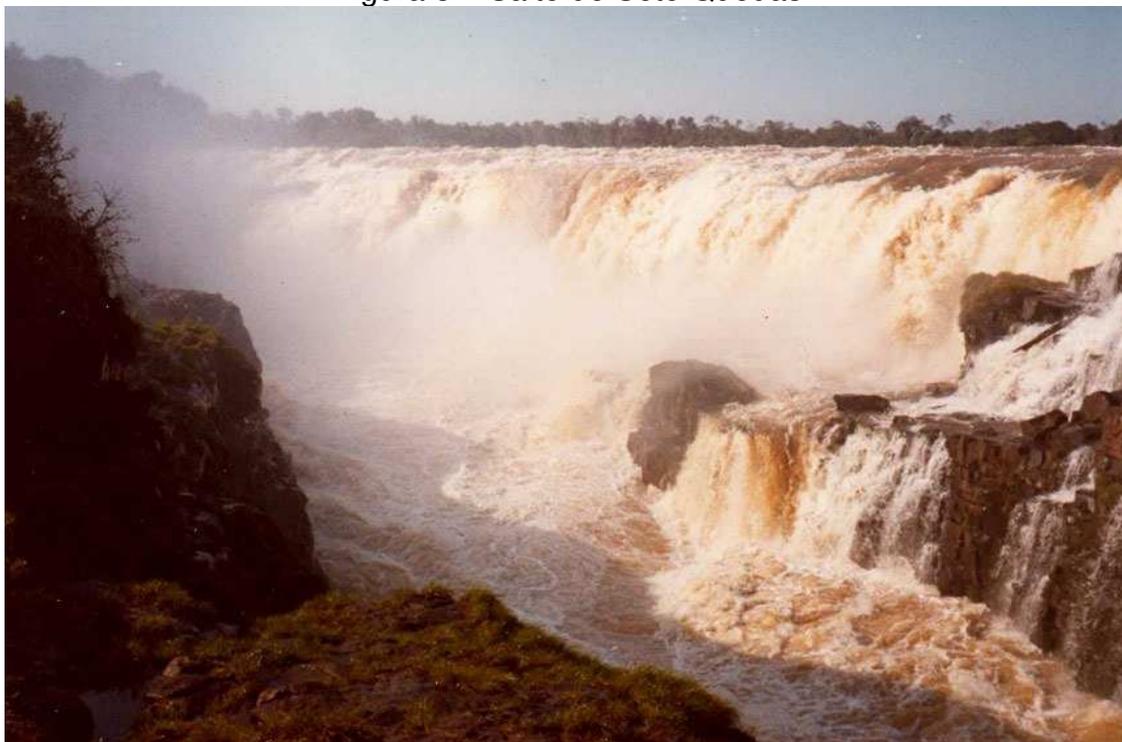
O poema é um soneto, pois possui dois quartetos e dois tercetos compostos por versos decassílabos. O início mostra o som que havia naquele local, lugar que é representado pelo uso do dêitico “aqui”, onde “outrora retumbaram hinos”. Havia movimento, festas, sinos e vida, contudo, “tudo passou” e, como em “Adeus a Sete Quedas”, só restou a saudade e a tristeza, devido ao silenciamento.

Desse modo, podemos perceber que nas espígrafes, são introduzidos os temas da morte, da estagnação, do vazio e do silenciamento, em contraste com a vida, o movimento, a voz e o som, retomados no poema de Drummond, que será estudado a seguir.

O poema “Adeus a Sete Quedas” reflete a vivência do jornalismo de Drummond, pois o autor trabalhou como jornalista. Além disso, é um poema cujo tema retrata um acontecimento histórico que se tornou notícia em muitos lugares, indignou muitas pessoas e ocasionou a morte de um patrimônio natural, o Salto de Sete Quedas:

A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND:
poemas de circunstância

Figura 3 – Salto de Sete Quedas



Fonte: AGÊNCIA SENADO, 2016, p. 1.

Passaremos a comentar as estrofes do poema com o propósito de realizar uma análise sobre seu conteúdo e sua estrutura, tendo em vista o contexto histórico da publicação, o estilo do autor e o pertencimento de Drummond ao Modernismo.

O poema inicia-se com uma citação transformada de “Sete Damas”, nos dois primeiros versos: “Sete quedas por mim passaram, / E todas sete se esvaíram” (ANDRADE, 1982, p. 8), retomando, portanto, a ideia de morte da referência, causada pela destruição das cachoeiras, que eram símbolo da vida, mas, como as sete damas, passaram:

Sete quedas por mim passaram,
E todas sete se esvaíram.
Cessa o estrondo das cachoeiras, e com ele
A memória dos índios, pulverizada,
Já não desperta o mínimo arrepio.
Aos mortos espanhóis, aos mortos bandeirantes,
Aos apagados fogos
De ciudad real de guaira vão juntar-se
Os sete fantasmas das águas assassinadas
Por mão do homem, dono do planeta.
(ANDRADE, 1982, p. 8).

Nessa primeira estrofe, é possível perceber a aliteração em “s”, que remete ao som das águas da cachoeira, que ecoa na memória do poeta. Com a destruição do Salto, houve consequências negativas para a população, em especial, dos índios, que moravam onde a usina foi construída: “Cessa o estrondo das

cachoeiras, e com ele / A memória dos índios, pulverizada, já não desperta o mínimo arrepio” (ANDRADE, 1982, p. 8). Nota-se que as cachoeiras eram historicamente importantes, pois abrigavam guaranis e foi onde ocorreram muitas lutas entre eles, os bandeirantes e os espanhóis.

A “Ciudade Real de Guaira”, onde estavam as Sete Quedas, pertencia aos indígenas, mas foi invadida por espanhóis e, mais tarde, por bandeirantes: “Aos mortos espanhóis, aos mortos bandeirantes, / Aos apagados fogos / De ciudad real de guaira vão juntar-se / Os sete fantasmas das águas assassinadas / Por mão do homem, dono do planeta” (ANDRADE, 1982, p. 8), versos em que a aliteração em “s” se repete, trazendo, mais uma vez, o som das águas.

As cataratas se juntaram a todos, pois todos já morreram: os espanhóis, que colonizaram uma parte do sul do Brasil, os bandeirantes, que desbravaram o país, suas riquezas e moradores e os índios. As Sete Quedas se tornaram fantasmas, recuperando o poema “Sete Damas”, pois foram assassinadas, verbo que provoca a ideia de que um crime ocorreu.

No primeiro verso da segunda estrofe, “Aqui outrora retumbaram vozes / Da natureza imaginosa, fértil” (ANDRADE, 1982, p. 8), Drummond retoma o poema de Raimundo Correa, que também possui aliteração em “r”, representando, em ambos, o som e a vida.

As cachoeiras eram tão perfeitas que são descritas “Em teatrais encenações de sonhos, / Aos homens ofertadas sem contrato. Uma beleza-em-si, fantástico desenho” (ANDRADE, 1982, p. 8), algo sublime que foi corporizado nas cachoeiras, em “cachões e bulções de aéreo contorno” (ANDRADE, 1982, p. 8). O uso do sufixo “-ões”, também utilizado no poema de Raimundo Correia em “torrões medonhos” (CORREIA, 2014, p. 7), causa uma ideia de algo grandioso, monumental e admirável.

O presente da natureza para os olhos humanos “Mostrava-se, despiase, doava-se, / Em livre coito à humana vista extasiada” (ANDRADE, 1982, p. 8). A gradação cria ritmo e sonoridade, faz analogia à entrega amorosa e erótica, percebida por meio das escolhas lexicais. O momento de entrega também prevê a ideia de confiança e fragilidade em relação ao outro, à atitude de mostrar-se por inteiro, completamente, personificando, outra vez, as Sete Quedas.

Era demasiadamente bela para ser real e substancialmente fascinante para que os homens, até mesmo os “egípcios”, com suas construções colossais, ou os “assírios”, com um poder imponente, um dia, se atrevessem a idealizar algo semelhante: “Toda a arquitetura, toda a engenharia / De remotos egípcios e assírios / Em vão ousaria criar tal monumento” (ANDRADE, 1982, p. 8). Vê-se a exaltação da beleza das águas, como se fossem uma obra de arte, a representação da beleza, o monumento criado pela natureza.

O texto promove, por meio desse jogo de oposições entre a arquitetura e a engenharia, a ideia de que nem os povos com os monumentos e obras mais trabalhadas ousariam tentar reproduzir algo, cuja grandiosidade o homem destruiu. Assim, na terceira estrofe:

E desfaz-se
Por ingrata intervenção de tecnocratas.
Aqui sete visões, sete esculturas
De líquido perfil
Dissolvem-se entre cálculos computadorizados

[Digite texto]



A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND:
poemas de circunstância
De um país que vai deixando de ser humano
Para tornar-se empresa gélida, mais nada.
(ANDRADE, 1982, p. 8).

Nos versos seguintes, tudo aquilo “desfaz-se” (ANDRADE, 1982, p. 8), criando um jogo de palavras com a próxima estrofe, que se inicia com o verbo “faz-se”, pois a beleza e as cachoeiras “dissolve-se”, e o que se faz é a morte, já que o tesouro oferecido pela natureza fora perdido. Isso ocorreu por tamanha insensatez e hostilidade, acabou “Por ingrata intervenção de tecnocratas” (ANDRADE, 1982, p. 8), puramente racionais, cuja lógica materialista reverteu-se no fim de sete sublimes obras jamais resgatadas.

Figura 4 - Usina Itaipu



Fonte: AGÊNCIA SENADO, 2019, p. 1.

O símbolo do número sete é recuperado novamente, com a ideia da completude de um ciclo. Retomando o *Dicionário de Símbolos*, de Chevalier e Gheerbrant (1997, p. 826), ele “representa a totalidade do espaço”, “do tempo” e “do universo em movimento” e a “perfeição”. Dessa forma, o que o homem destruiu não foi apenas a natureza, mas uma obra monumental e perfeita.

Tudo destruído, devido à maior importância que o homem atribui aos lucros em detrimento da vida. A crítica está presente no poema, pois o país vai morrendo, perdendo o movimento, congelando, imobilizando-se por máquinas sem vida que substituíram o som das cachoeiras, pois “Aqui sete visões, sete esculturas / De líquido perfil / Dissolvem-se entre cálculos computadorizados / De um país que vai deixando de ser humano / Para tornar-se empresa gélida, mais nada” (ANDRADE, 1982, p. 8).

HERNANDES, A. F.; FREITAS, G. S.; FALEIROS, M. O.

A próxima estrofe se inicia com a expressão “faz-se”, cujo sentido é, na realidade, de “desfaz-se”, daí o jogo criado em relação à estrofe anterior, pois o que se afirma, o que “se faz” é a destruição, ideia enfatizada por esse jogo de palavras entre “desfaz-se” e “faz-se”:

Faz-se do movimento uma represa,
Da agitação faz-se um silêncio
Empresarial, de hidrelétrico projeto.
Vamos oferecer todo o conforto
Que luz e força tarifadas geram
À custa de outro bem que não tem preço
Nem resgate, empobrecendo a vida
Na feroz ilusão de enriquecê-la.
Sete boiadas de água, sete touros brancos,
De bilhões de touros brancos integrados,
Afundam-se em lagoa, e no vazio
Que forma alguma ocupará, que resta
Senão da natureza a dor sem gesto,
A calada censura
E a maldição que o tempo irá trazendo?
(ANDRADE, 1982, p. 8).

Nessa parte, podemos observar que há uma denúncia crítica e irônica no uso de um dos discursos feitos em nome da civilização, que circulava na época e que defendia a morte das Sete Quedas: “Vamos oferecer todo o conforto / Que luz e força tarifadas geram” (ANDRADE, 1982, p. 8).

Os responsáveis pela destruição das Sete Quedas estavam preocupados com o conforto da população, tornando as cachoeiras estáticas, silenciosas, mas uma onerosa “recompensa” para os brasileiros, “À custa de outro bem que não tem preço / Nem resgate, empobrecendo a vida / Na feroz ilusão de enriquecê-la” (ANDRADE, 1982, p. 8). O poeta mostra, dessa forma, que todo esse conforto não justifica e nem compensa a morte de aprazível escultura, um “bem que não tem preço”. A riqueza é ilusão, pois o maior bem, os construtores da usina já tinham e não sabiam.

No verso seguinte, recupera novamente a epígrafe, sua sonoridade, ritmo e o símbolo do número sete, representando a perfeição, Drummond compara as Sete Quedas a “Sete boiadas de água, sete touros brancos, de bilhões / De touros brancos integrados” (ANDRADE, 1982, p. 8). A cor branca representa as espumas das águas quando caem, além de que o touro é um dos animais atribuídos a Poseidon, o deus dos mares.

Há um paradoxo, pois, de acordo com o *Dicionário de Símbolos*, de Chevalier e Gheerbrant, os bois representam a “calma” e “força pacífica”; enquanto o touro simboliza “irresistível força e arrebatamento” (1997, p. 891), promovendo uma rede de contrastes com a atual ausência de movimento e o silenciamento. Ao dizer que aquelas águas “Afundam-se em lagoa, e no vazio” (ANDRADE, 1982, p. 8), o autor está se referindo tanto ao rio fundo que ela forma, quanto ao fato de que tudo aquilo se afundou com a construção da usina, realizando uma analogia com o ato de enterrar, mas, no caso, em água.

As Sete Quedas tornaram-se uma represa cuja água estagnada retrata, metaforicamente, a imobilidade e o silêncio, imagens que representam a morte, oposto do som e do movimento que eram resultantes das cachoeiras, restando



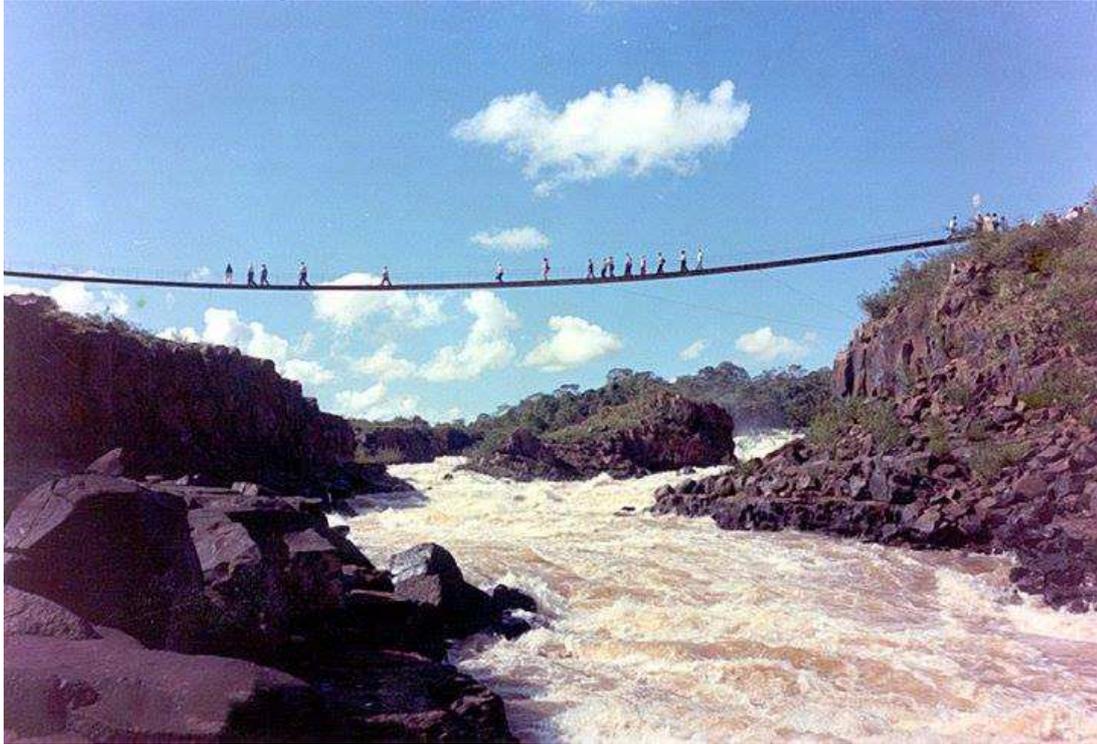
A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND:
poemas de circunstância

apenas o lago. Para Drummond, o ocorrido promoverá o mal, pois só restou a ausência e o silêncio que jamais serão ocupados: “Que forma alguma ocupará, que resta / Senão da natureza a dor sem gesto, a calada censura e a maldição que o tempo irá trazendo?” (ANDRADE, 1982, p. 8).

Na estrofe seguinte, o poeta convida a todos para ver o que aconteceu:

Vinde povos estranhos, vinde irmãos
Brasileiros de todos os semblantes,
Vinde ver e guardar
Não mais a obra de arte natural
Hoje cartão-postal a cores, melancólico,
Mas seu espectro ainda rorejante
De irisadas pérolas de espuma e raiva,
Passando, circunvoando,
Entre pontes pênseis destruídas
E o inútil pranto das coisas,
Sem acordar nenhum remorso,
Nenhuma culpa ardente e confessada.
 (“assumimos a responsabilidade!
Estamos construindo o brasil grande!”)
E patati patati patatá...
(ANDRADE, 1982, p. 8).

A sonoridade nos versos “Mas seu espectro ainda rorejante / De irisadas pérolas de espuma e raiva, / Passando, circunvoando, / Entre pontes pênseis destruídas / E o inútil pranto das coisas” (ANDRADE, 1982, p. 8), é provocada, novamente, pelas aliterações em “s” e em “r”, que representam o som das águas das cachoeiras. Além disso, causa a ideia de oscilação e movimento, tão presente nas Sete Quedas, cuja aparência e gotas preciosas refletiam o arco-íris, mas suas pontes, feitas para apreciar as sete vidas, foram destruídas.



Fonte: MEIO NORTE, 2020, p. 3.

O autor sabe que os responsáveis pela destruição não se importam com o ato, continuam “Sem acordar nenhum remorso, / Nenhuma culpa ardente e confessada” (ANDRADE, 1982, p. 8). Drummond, então, ironiza o governo militar, retomando de novo o discurso usado para convencer a população dos benefícios da usina, escrevendo Brasil com letra minúscula e sem se importar com o que eles têm a dizer: “(assumimos a responsabilidade! / Estamos construindo o brasil grande!) / E patati patati patatá...” (ANDRADE, 1982, p. 8), pois não falam nada importante que mudará a sua concepção de que eles são os culpados por tamanha destruição.

Na última estrofe, a epígrafe é retomada, ainda com a ideia de perfeição, totalidade e plenitude:

Sete quedas por nós passaram,
E não soubemos, ah, não soubemos amá-las,
E todas sete foram mortas,
E todas sete somem no ar,
Sete fantasmas, sete crimes
Dos vivos golpeando a vida
Que nunca mais renascerá.
(ANDRADE, 1982, p. 8).

As cachoeiras tornaram-se fantasmas, mas a circunstância vivida foi eternizada no poema. A anáfora da conjunção “e” e junto a “e todas sete” , nos segundo, terceiro e quarto versos, dá a ideia de um ciclo que se rompeu por terem se tornado fantasmas, lembrando a ideia do assassinato cometido.

As sete cachoeiras, os sete presentes da natureza, foram levados pela ganância e ambição humana. Sete mortes que poderiam ter sido evitadas, mas não



A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

há como voltar e aproveitar a verdadeira riqueza da vida. Para encerrar o poema, Drummond faz uma reflexão lírica, retomando a epígrafe: “Sete fantasmas, sete crimes / Dos vivos golpeando a vida / Que nunca mais renascerá” (ANDRADE, 1982, p. 8). Assim, podemos pensar que o poema se configura como uma elegia, um tipo de poema de tom triste e fúnebre:

Na sua origem grega (elegeia) radicar-se quer a filiação formal de um gênero autônomo, nomeadamente face à lírica, quer a filiação temática orientada para o pathos, com os consequentes temas do lamento, da dor e da melancolia. Por seu turno, a elegia de Lowell aos mortos da Guerra Civil americana (“For the Union Dead”), expõe um olhar onde a memória histórica e a individual (freudiana) se tornam indissociáveis (AVELAR, online, 2020).

Pela primeira vez, no poema, o autor utiliza um pronome em primeira pessoa, o “nós”, com o intuito de referir-se e incluir-se ao povo brasileiro, pois foram “sete crimes dos vivos golpeando a vida que nunca mais renascerá”, ou seja, ironicamente, a vida continua para aqueles que mataram as Sete Quedas.

A oposição fundamental é realizada pelas imagens e pela aproximação de contrários entre elas, o que estrutura o sentido do texto é a ideia de vida, som e movimento contrastando com a morte, por meio das imagens de silenciamento e estagnação. Percebe-se que o poema vai além da história, pois o momento datado e passado é perpetuado pelas palavras e sentidos construídos por Drummond. Uma pessoa que lê o poema, mesmo não tendo presenciado o momento que tanto afligiu o poeta, consegue perceber a imensa dor e angústia retratadas nele, e essa dor se projeta para o presente, e nos identificamos com ela quando nos deparamos com situações análogas.

Para Paz (1982, p. 226), as palavras “[...] são históricas: pertencem a um povo e a um momento da fala desse povo: são algo datável. Por outro lado, são anteriores a toda data [...]”. Portanto, pode-se concluir que, apesar de ter sido Drummond o autor do poema, as palavras não são apenas suas, elas refletem a história de um povo que sofreu com o fim das Sete Quedas.

4.3 O poema “Receita de ano novo”

Receita de ano novo

Para você ganhar belíssimo Ano Novo
cor do arco-íris, ou da cor da sua paz,
Ano Novo sem comparação com todo o tempo já vivido
(mal vivido talvez ou sem sentido)
para você ganhar um ano
não apenas pintado de novo, remendado às carreiras,
mas novo nas sementinhas do vir-a-ser;
novo
até no coração das coisas menos percebidas
(a começar pelo seu interior)
novo, espontâneo, que de tão perfeito nem se nota,
mas com ele se come, se passeia,
se ama, se compreende, se trabalha,
você não precisa beber champanha ou qualquer outra birita,
não precisa expedir nem receber mensagens

(planta recebe mensagens?
passa telegramas?)
Não precisa
fazer lista de boas intenções
para arquivá-las na gaveta.
Não precisa chorar arrependido
pelas besteiras consumadas
nem parvamente acreditar
que por decreto de esperança
a partir de janeiro as coisas mudem
e seja tudo claridade, recompensa,
justiça entre os homens e as nações,
liberdade com cheiro e gosto de pão matinal,
direitos respeitados, começando
pelo direito augusto de viver.
Para ganhar um Ano Novo
que mereça este nome,
você, meu caro, tem de merecê-lo,
tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil,
mas tente, experimente, consciente.
É dentro de você que o Ano Novo
cochila e espera desde sempre
(ANDRADE, 2014, p. 147).

O poema “Receita de Ano Novo” possui versos livres e brancos, ou seja, não possui forma fixa de composição poética. Possui um ritmo que remete à ideia de leveza que o Ano Novo deve ter. O título já traz a ideia de que o poema dará qual é a “receita” para um Ano Novo, ou seja, quais os “ingredientes” necessários e qual é o “modo de fazer”. De acordo com o Dicionário *Houaiss*, o vocábulo “receita” possui vários significados, sendo o sentido figurado o que mais se encaixa no contexto do poema: “Indicação relativa ao modo de proceder; paradigma, modelo”.

Para você ganhar belíssimo Ano Novo
cor do arco-íris, ou da cor da sua paz,
Ano Novo sem comparação com todo o tempo já vivido
(mal vivido talvez ou sem sentido)
(ANDRADE, 2014, p. 147).

Já no primeiro verso, “Para você ganhar belíssimo Ano Novo” (ANDRADE, 2014, p. 147), Drummond estabelece a interlocução você x eu, portanto, há um interlocutor cuja voz não aparece, mas será referido durante todo o poema. A utilização desse pronome de tratamento informal, o “você”, revela que o poeta utiliza a linguagem coloquial, aproximando-se do interlocutor.

O Ano Novo é considerado um presente que se ganha, pois verifica-se a enumeração de suas características. Ele utiliza o superlativo “belíssimo” para caracterizá-lo, pois transmite a ideia de um Ano Novo superior aos outros, que, ao ser escrito com as iniciais maiúsculas, fariam dele um ano único. Além disso, o arco-íris é usado para definir o Ano Novo, “cor do arco-íris, ou cor da sua paz” (ANDRADE, 2014, p. 147) e é “caminho e mediação entre a terra e o céu. [...] A



A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

união de contrários é também a reunião das metades separadas, a resolução”, ou seja, é renovação e esperança (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1997, p. 77).

É interessante perceber que o arco-íris é colorido, enquanto a paz está associada à cor branca, ou seja, à junção de todas as cores, percebe-se a imagem realizada pela união de contrários, pois é importante saber o sentido literal de cada um, mas também a simbologia por trás deles. A paz é diferente para cada indivíduo, sem generalização, o que é percebido pelo uso do pronome possessivo “sua”, mostrando que a paz é diferente para cada indivíduo, não há uma generalização. As cores não se atribuem a objetos, o poeta joga com os sentidos: metaforicamente, o Ano Novo adquire características de um presente que se ganha, mas ao mesmo tempo, sua caracterização revela sua essência imaterial, porém concreta, pois é tempo de vida que, embora ainda não acontecido, projeta-se como algo diferente e melhor do que já se viveu.

Drummond não compara o novo ano com nenhum outro que já passou em nenhum momento do poema, o que é confirmado pelos versos “Ano Novo sem comparação com todo o tempo já vivido / (mal vivido talvez ou sem sentido)” (ANDRADE, 2014, p. 147).

para você ganhar um ano
não apenas pintado de novo, remendado às carreiras,
mas novo nas sementinhas do vir-a-ser;
novo
até no coração das coisas menos percebidas
(a começar pelo seu interior)
novo, espontâneo, que de tão perfeito nem se nota,
mas com ele se come, se passeia,
se ama, se compreende, se trabalha,
(ANDRADE, 2014, p. 147)

O ano não deve ser forjado, vivido sem cuidado e às pressas, “não apenas pintado de novo, remendado às carreiras”. Nesse trecho, percebe-se uma objetificação do ano ao dizer que ele não deve ser “pintado”, como se ele fosse algo concreto e não apenas uma ideia.

O poeta trabalha o sentido de “novo” a partir de várias imagens. Primeiramente, fazendo uma oposição a “não apenas pintado de novo”, mas novo, de fato. Ser pintado de novo é ser novo só na aparência. “Novo” está, portanto, projetado na imagem das “sementinhas do vir-a-ser”, porque ainda não se viveu, o que representa o futuro e o que é diferente. A semente representa o que ainda virá, o novo em seu aspecto mais íntimo, no nascimento, renovação.

Outra imagem está no verso: “no coração das coisas menos percebidas”, ou seja, na percepção das essências, das coisas que normalmente não são vistas, na vivência da mudança de perspectiva. É novo, no sentido de uma nova maneira de agir: é espontâneo, como uma rotina do comportamento de forma natural e imperceptível.

O verso seguinte é composto apenas pelo vocábulo “novo”, dando ênfase a esse adjetivo que o poeta redefine durante o poema. Há uma prosopopeia ao dizer que o ano deve ser novo “até no coração das coisas menos percebidas / (a começar pelo seu interior)” (ANDRADE, 2014, p. 147), pois ele atribui um coração às coisas que passam e não são notadas, pois até elas devem ser novas. Não apenas

HERNANDES, A. F.; FREITAS, G. S.; FALEIROS, M. O.

o exterior e as coisas materiais, mas o interior, o que está na essência, “novo, espontâneo, que de tão perfeito nem se nota” (ANDRADE, 2014, p. 147).

O poeta faz uma gradação, combinada com a repetição do “se”, repetida cinco vezes. A gradação foi utilizada para mostrar uma sequência de fatos que caracterizam o Ano Novo: “mas com ele se come, se passeia, / se ama, se compreende, se trabalha” (ANDRADE, 2014, p. 147). Drummond consegue descrever o ano sem utilizar adjetivos somente, mas revelando o que é e o que não é necessário para a sua construção, assim:

 você não precisa beber champanha ou qualquer outra biritá,
 não precisa expedir nem receber mensagens
 (planta recebe mensagens?
 passa telegramas?)
 Não precisa
 fazer lista de boas intenções
 para arquivá-las na gaveta.
 Não precisa chorar arrependido
 pelas besteiras consumadas
 nem parvamente acreditar
 que por decreto de esperança
 a partir de janeiro as coisas mudem
 e seja tudo claridade, recompensa,
 justiça entre os homens e as nações,
 liberdade com cheiro e gosto de pão matinal,
 direitos respeitados, começando
 pelo direito augusto de viver
 (ANDRADE, 2014, p. 147).

No trecho acima, há a receita do que não é preciso, ou seja, descreve-se tudo o que as pessoas costumam fazer na expectativa de que coisas novas ocorram no Ano Novo. Muito é esperado, espera que, muitas vezes, não se reflete nas ações, apenas no desejo. Tais tradições são dispensáveis, pois não são elas que vão alterar o resultado final dos trezentos e sessenta e cinco dias vindouros. Para abordar esses fatores desnecessários para o Ano Novo, Drummond utiliza a anáfora da frase “não precisa”, repetida quatro vezes.

Os versos “Não precisa / fazer lista de boas intenções / para arquivá-las na gaveta” (ANDRADE, 2014, p. 147) apresentam uma ironia, pois mostra como o ser-humano escreve o que fará, mas não reflete as palavras em suas atitudes, tornando, portanto, todas essas listas sem fundamento ineficazes. A explanação sobre o que não é preciso para fazer um Ano Novo continua: “Não precisa chorar arrependido / pelas besteiras consumadas” (ANDRADE, 2014, p. 147). Chorar pelo que já foi feito, não alterará o que virá.

Não é relevante crer, mesmo de forma ingênua, que algo será transformado apenas porque mudou o ano no calendário, mesmo que os votos sejam de esperança: “nem parvamente acreditar / que por decreto de esperança / a partir de janeiro as coisas mudem” (ANDRADE, 2014, p. 147).

O autor faz indagações como “(planta recebe mensagens? / passa telegramas?)” (ANDRADE, 2014, p. 147), que são perguntas retóricas, não foram feitas para serem respondidas, mas para ilustrar, usando a personificação, que é possível viver bem se os costumes não mudam o desenlace.



A “CONSAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

O poeta cita o que o ser humano tanto aguarda: “e seja tudo claridade, recompensa, / justiça entre os homens e as nações, / liberdade com cheiro e gosto de pão matinal, / direitos respeitados, começando / pelo direito augusto de viver” (ANDRADE, 2014, p. 147). O “pão”, de acordo com o *Dicionário de Símbolos* de Chevalier e Gheerbrant (1997, p. 681), “é, evidentemente, símbolo de alimento essencial”, ou seja, é necessário, renovação e prosperidade, e o adjetivo “matinal” representa algo novo, que acabou de se iniciar, ou seja, um começo próspero:

O simbolismo do fermento se exprime, nos textos evangélicos, sob dois aspectos: de um lado, ele é o princípio ativo da panificação – símbolo de transformação espiritual -; sua ausência comporta, por outro lado – [...] a noção de pureza e de sacrifício (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1997, p. 681).

O “direito augusto de viver” é algo sagrado, que todos esperam ter, já que “augusto” é algo venerável. A vida é venerável e, para ser vivida plenamente, deve ser transformada como um Ano Novo.

Para ganhar um Ano Novo
que mereça este nome,
você, meu caro, tem de merecê-lo,
tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil,
mas tente, experimente, consciente.
É dentro de você que o Ano Novo
cochila e espera desde sempre
(ANDRADE, 2014, p. 147).

Por fim, o poeta retoma a ideia de “ganhar”, mas ao dizer que é preciso “fazê-lo novo”, trazê-lo à tona depende da ação, ou seja, não se ganha um Ano Novo. Se quisermos algo realmente novo, é preciso ter consciência de que é só pela ação, tentando e experimentando que se tem essa chance.

Mais uma vez, é ressaltada a ideia de um nome próprio, dando unicidade ao ano que possui todas as características descritas. Nos versos seguintes, “você, meu caro, tem de merecê-lo, / tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil, mas tente, experimente, consciente” (ANDRADE, 2014, p. 147), há uma rima interna entre os termos “tente”, “experimente” e “consciente” e uma interrupção morfossintática, pois após rimar dois verbos, insere um adjetivo que também rima com os ambos, produzindo um efeito de sentido, pois a ação é necessária, como demonstrado pelos verbos, mas também precisa-se de uma mudança interna.

Nota-se que, além da função poética predominante no texto, ele possui a função conativa, pois utiliza o pronome de tratamento “você” e verbos no imperativo negativo, como em “não precisa” e no imperativo afirmativo, como na anáfora “tem de”, “tente” e “experimente”. A intenção é convencer o interlocutor, que é o destinatário da mensagem, o foco e a ênfase do poeta, de como fazer um verdadeiro Ano Novo.

Nos dois últimos versos, o poeta usa a personificação mais uma vez, quando escreve que o “Ano Novo” “cochila” e “espera”. A utilização dessa figura de linguagem torna o Ano Novo um ente, algo muito importante e único, mas que, para despertar, depende das ações de quem o deseja.

Drummond encerra dizendo que “É dentro de você que o Ano Novo / cochila e espera desde sempre” (ANDRADE, 2014, p. 147). O sentido do Ano Novo é transformado, como algo que está apenas aguardando ser descoberto, pois, para que ele realmente se realize, não basta mudar o calendário, todos os desejos devem atravessar as palavras para que sejam concretizados nas verdadeiras atitudes, carregadas de significado.

Retomando o título “Receita de Ano Novo”, percebe-se que o poema é uma receita que ensina o que não é preciso, uma receita que não é receita nenhuma, mas carrega uma mensagem de boas festas que não se incumbe apenas de desejar votos de esperança para o leitor. Carlos Drummond de Andrade escreve de maneira profunda sobre o Ano Novo tão esperado e tão pouco realizado. Um tema simples da realidade e do cotidiano que é eternizado pela poesia e que adquire tanto sentido com o arranjo do poeta, convidando o interlocutor a refletir sobre o verdadeiro sentido da vida.

4.4 Arrematando a leitura

Após a leitura e análise dos poemas apresentadas, podemos observar diferenças e semelhanças entre os poemas e que atestam o que se queria demonstrar neste trabalho: a preocupação do poeta com o momento vivido e sua atividade poética, eternizando momentos por meio de suas reflexões, produzindo no leitor a experiência da contemplação de si mesmo, da revelação poética da experiência humana.

Em relação à estrutura, nenhum poema possui estrutura fixa de composição, além de serem versos livres e brancos, configuração poética do movimento literário ao qual o poeta pertence, o Modernismo.

Nota-se uma diferença entre os poemas “Adeus a Sete Quedas” e “O homem; as viagens” com o “Receita de Ano Novo”, pois os dois primeiros são acontecimentos pontuais e representam momentos históricos que já haviam ocorrido, como a construção da Usina de Sete Quedas e a ida do homem à Lua. Drummond seleciona acontecimentos passados que têm consequências presentes e futuras na vida da sociedade. De acordo com Lucas (1978, p. 241), “tudo o que afeta o passado e o futuro da sociedade tem ressonâncias amplificadas na alma do poeta”.

Já o terceiro poema, retrata um acontecimento da experiência humana que marca um ciclo: as festas de fim de ano, mais especificamente, o Ano Novo, uma data que se repete em tempo marcado, ou seja, uma ocorrência cotidiana. São acontecimentos diferentes, mas que se eternizam ao serem transformados em palavras e modelados em poemas, pois “a poesia intensifica a realidade” (LUCAS, 1978, p. 241). Os poemas são repletos de simbolismos, plurissignificação e significado.

Para Paz (1982, p. 227), “o poema é mediação entre uma experiência original e um conjunto de atos e experiências posteriores, que só adquirem coerência e sentido com referência a essa primeira experiência que o poema consagra”. É possível perceber que, em todos os poemas, o autor escreveu pautando-se na realidade e em fatos de sua vida, que, ao serem transformados em palavras poéticas, carregaram o sentido e o significado que os momentos retratados representavam para Drummond.



A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

A experiência poética não é outra coisa que a revelação da condição humana, isto é, desse transcender-se sem cessar no qual reside precisamente sua liberdade essencial. Se a liberdade é movimento do ser, contínuo transcender-se do homem, esse movimento sempre deverá estar referido a algo. E assim é: um apontar para um valor ou uma experiência determinada. A poesia não escapa a essa lei, como manifestação da temporalidade que é (PAZ, 1982, p. 232).

Sobre a linguagem, Paz (1982, p. 43) diz que “a fala, a linguagem social, concentra-se no poema, articula-se e levanta-se. O poema é linguagem erguida”. O poema não se prende nos significados literais das palavras. Ele permite a plurissignificação, o uso de efeitos de sentido, de figuras de linguagem, um jogo com as palavras. Como visto, “o poeta não é um homem rico em palavras mortas, mas em vozes vivas” (PAZ, 1982, p. 55). A linguagem é vida, ela ecoa, perpassa a realidade e vai além dela.

No poema “O homem; as viagens”, a riqueza da linguagem é vista quando Drummond usa uma expressão que tenha como significado “algo comum” iniciando em letra maiúscula: “Terra-a-terra”, tornando o espaço algo comum também. Os neologismos também são utilizados, como “Tever”, ou seja, ver na TV; “onizar”, para dizer que tudo viraria colônia; e “dangerosíssima”, proveniente da união do radical estrangeiro “danger” com o sufixo superlativo da Língua Portuguesa, dando a ideia de algo muito perigoso. Além disso, ao separar a palavra “con-viver”, ressalta a ideia de viver com o outro.

Já no poema “Adeus a Sete Quedas”, a escolha do verbo “destruir” personifica as quedas e reafirma a ideia de morte, assim como a utilização do adjetivo “assassinadas”, como se as cachoeiras fossem entes. A escolha lexical provoca esse efeito de sentido e percebe-se como entender a linguagem é fundamental para a compreensão do poema.

No poema “Receita de Ano Novo”, o poeta joga com o sentido da palavra “novo”, quando se refere ao ano como “novo” e “não apenas pintado de novo” (ANDRADE, 2014, p. 147), tocando, por meio desse jogo de palavras, na questão da aparência e essência quanto ao que é de fato “inédito”, desconhecido, que acabou de nascer/surgir. Além disso, a utilização do verbo “ganhar” traz a ideia de que ninguém pode ganhar um Ano Novo, mas ter consciência e colocar em ação. Drummond usa o pronome de tratamento “você”, verbos no imperativo negativo e no imperativo afirmativo para convencer o interlocutor.

Em relação ao ritmo, o concreto é o foco e não a abstração, pois utilizada a repetição, a transcendência, ao caminhar para a frente, ao determinar a fruição do poema, levando em conta o sentido que ele carrega. O tempo é nulo, devido ao poema, pois o instante é consagrado: para Valéry, a poesia dança enquanto a prosa marcha, se volta sobre si mesma, como um caracol, produz ritmo a todo momento. É como se o tempo parasse em determinando momento para que seja eternizado e não passe mais.

Em “O homem; as viagens, o ritmo pode ser visto na gradação e na sonoridade provenientes da aliteração em “s”, da lentidão provocada pela repetição da palavra “Lua” na primeira estrofe, para demonstrar o cuidado do homem ao pisar nela pela primeira vez. A repetição dos mesmos verbos no presente do indicativo, ao

longo das estrofes, cria a ideia de repetitividade das ações humanas em ritmo acelerado, para marcar o contraste entre a dificuldade do que o homem realiza e a trivialidade com que realiza suas conquistas. Esse ritmo, obtido pela repetição também se cria na estrofe “repetir a fossa/ repetir o inquieto/ repetitório” (ANDRADE, 1973, p. 27), mostrando pela repetição da própria palavra “repetir” o quão automática a exploração do universo se tornou. Além disso, os verbos no presente, que mencionamos, são retomados na última estrofe, mas agora na forma infinitiva, produzindo por meio do ritmo (obtido nessa retomada), e pela mudança na forma verbal, o sentido do contraste entre o que o homem conquista e o que de fato precisa conquistar.

No poema “Adeus a Sete Quedas”, verifica-se o ritmo por meio da utilização das aliterações em “s” e em “r”, representando o barulho das águas. O uso do sufixo em “Corporizado em cachões e bulções de aéreo contorno” (ANDRADE, 1982, p. 8) simboliza algo grandioso. Há, também, um jogo de palavras com o verbo “faz-se” e o “desfaz-se”.

Em “Receita de Ano Novo”, o ritmo se faz, por exemplo, por meio da gradação com a repetição do “se” e da rima interna entre “tente”, “experimente” e “consciente”, em que há uma interrupção morfossintática, pois são dois verbos e um adjetivo, mostrando que a ação é, portanto, fundamental, mas ela precisa da consciência para se realizar.

Já na imagem, verifica-se a união dos contrários, que são opostos unidos para produzir um efeito de sentido, sabendo o significado literal, mas indo além dele por meio das figuras de linguagem, da plurissignificação e dos jogos com as palavras. Ultrapassando o real, mas baseando-se nele, a imagem cria efeitos maravilhosos ao poema, pois ressignifica as palavras sem fazer com que elas percam o sentido original.

Muitas são, portanto, as formas adotadas por Carlos Drummond de Andrade para libertar-se do aprisionamento, que o marca bastante, às coisas terrenas e aos acontecimentos do dia. Sublima o passado, milita o presente e questiona o futuro, montando uma constelação de sínteses expressivas que se transformaram na manifestação lírica do nosso tempo (LUCAS, 1978, p. 245).

No poema “O homem; as viagens”, ele utiliza imagens como em “bicho da Terra tão pequeno” (ANDRADE, 1973, p. 27), mostrando a pequenez humana ao tentar dominar o espaço com os astronautas e os foguetes criados. Além disso, vê-se a imagens do “Velho do Restelo”, que indaga o porquê de almejar tantas coisas tão rápido; e do touro para mostrar que, ao chegar no Sol, ele também não seria suficiente, pois o touro espanhol é bravo e age por instinto, como o Sol deveria ser e, ao dominá-lo, a graça de perde.

“Adeus a Sete Quedas” mostra a imagens no jogo de oposições entre arquitetura e engenharia, pois os homens jamais seriam capazes de construir algo tão maravilhoso quanto as Sete Quedas, mesmo sendo muito sábios. A imagem principal do poema é feita pela aproximação dos contrários vida e morte, som e silêncio, movimento e estagnação.

Em “Receita de Ano Novo”, há a imagem do arco-íris e a paz, representada pela cor branca que é a junção de todas as outras cores. Há a imagem das “sementinhas do vir-a-ser” (ANDRADE, 2014, p. 147), mostrando o futuro que



A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND: poemas de circunstância

deve ser diferente. O verso “no coração das coisas menos percebidas” (ANDRADE, 2014, p. 147) mostra a necessidade de mudança de perspectiva. Já a imagem do “pão” refere-se ao Ano Novo como alimento fundamental. Uma ideia essencial é quando o autor diz que o “Ano Novo” “cochila” e “espera”, personificando o Ano Novo, que se torna único.

O ato poético, para Paz (1982), não é feito por interpretações, mas revela a condição humana, apesar de não ecoar o que ocorre na sociedade. A condição humana se revela e se manifesta pelo poema quando o instante é consagrado por ele e as memórias são mantidas, pois, “[...] o poeta consagra sempre uma experiência histórica, que pode ser pessoal, social ou ambas as coisas ao mesmo tempo” (PAZ, 1982, p. 233).

“O homem; as viagens” consagra o instante ao mostrar a condição dos homens, seus sentimentos e ambições, com a ironia de que eles conquistam tudo, mas jamais estão satisfeitos, por conta de sua pequenez moral, ao se prenderem a um egoísmo tão grande, fugir dos problemas e não tentar se conhecer e conhecer a sociedade. Assim, é capaz de conquistar tanto, mas desconhece o seu interior e o que está ao seu lado.

Em “Adeus a Sete Quedas”, percebe-se que a consagração do instante ocorre, pois o sofrimento de perder as Sete Quedas é percebido pelo interlocutor, mesmo que não tenha vivido o acontecimento, a dor ultrapassa a história e chega no presente, fazendo com que a pessoa que lê o poema se projete naquele tempo e, assim, o que ocorreu se presentifica.

Por fim, no poema “Receita de Ano Novo”, o instante do Ano Novo já é algo “consagrado”, porque investido de sentidos em nossa cultura; mas, no poema, o que ocorre é uma ressignificação proposta pelo poeta: o que propõe são reflexões sobre a vivência do novo que sempre se repete e, assim, envelhece. Por meio do poema demonstra o que de fato pode ser o novo, e que o novo só existirá se houver uma mudança de comportamento externo e interno. O título passa a impressão de que o poema será uma receita, mas não há receitas para um Ano Novo realmente diferente, apenas uma mensagem de esperança. O tema cotidiano é eternizado ao ser colocado em poesia, pois o interlocutor reflete sobre todos os “Anos Novos” que passou e sobre uma vida verdadeiramente nova.

Cada poema, com sua unicidade, mostra que o fazer poético se faz presente dos momentos mais simples da vida até os mais grandiosos. Tudo pode tornar-se ritmo. Cada instante, cada momento e cada circunstância transcende a realidade e são consagrados, como os três acontecimentos – a construção da Usina das Sete Quedas, a ida do homem à Lua e o Ano Novo – vivos, para sempre, na memória do poeta e do leitor:

Cada poema é único. Em cada obra lateja, com maior ou menor intensidade, toda a poesia. Portanto, a leitura de um só poema nos revelará, com maior certeza do que qualquer investigação histórica ou filológica, o que é a poesia. Mas a experiência do poema - sua recriação através da leitura ou da recitação - também ostenta uma desconcertante pluralidade e heterogenia (PAZ, 1982, p. 28).

5 Considerações finais

A presente pesquisa teve como objetivo realizar uma leitura interpretativa dos poemas “O homem; as viagens”, publicado em 1969 na obra *As impurezas do branco*, “Adeus a Sete Quedas”, publicado no *Jornal do Brasil* em 1982, e “Receita de Ano Novo” publicado na obra *Discurso de primavera e algumas sombras* em 1977, escolhidos dentre vários outros, dispersos pela obra de Drummond e, por meio deles, demonstrar a intensa vinculação do artista a seu tempo, uma vez que registra em sua poesia a realidade histórica e também cotidiana, bem como, por meio dela, sua participação social e suas relações pessoais, exemplo disso é a obra *Versos de circunstância*, que apresentamos neste trabalho, a fim de evidenciar essa prática do poeta de transformar em poemas acontecimentos dos mais corriqueiros que ganham, a partir disso, um significado especial.

O registro poético das circunstâncias estava tão presente na vida de Drummond, que se pode concluir que escrever sobre eles era uma característica intrínseca a ele. Expressar a realidade por meio de palavras, transformá-la e eternizá-la são fatores permanentes na vida do autor. Cada acontecimento era motivo para a escrita poética: momentos históricos, o cotidiano, datas especiais e homenagens, por isso, foi capaz de eternizar todos os instantes que passou para o papel.

Não há nada que escape aos olhos deste poeta. A memória é fator fundamental para promover verossimilhança, já que os poemas circunstanciais são baseados em fatos e todo o tempo é utilizado para que a realidade seja perpetuada, abrangendo tudo o que lhe é tangível, levando em conta o passado, o presente e o futuro.

O poema modifica a história com a poesia que carrega. O instante é consagrado em tempos, lugares e contextos distintos, o que faz eternizar na lembrança determinadas circunstâncias da vida. Como em um ritual, o poema presentifica o instante, transformando, por meio das palavras desconstruídas e reconstruídas, ideias, imagens, efeitos de sentido, hábitos e costumes.

Toda essa expressividade nos permite entrar no poema e vivenciar o que está sendo retratado. Drummond convida o leitor a se aventurar com ele no mundo das palavras ao carregá-las de ritmo, sonoridade e significação. Fazendo-nos reconhecer o tocante, o emocionante e o pulsante, é como se, a cada leitura, o coração vibrasse, percebendo todo o arranjo lírico, resgatando nas memórias sentimentos e emoções, por vezes, desconhecidos, como se permitisse ao leitor desfrutar de todos os acontecimentos, sendo capaz de enxergar a poesia presente.

Referências

ACHCAR, Francisco. *Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

AGÊNCIA Senado. Órfã do Salto de Sete Quedas, Guaíra poderá receber mais royalties de Itaipu. 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/09/21/orfa-do-salto-de-sete-quedas-guaira-podera-receber-mais-royalties-de-itaipu>. Acesso em 18 set. 2020.

_____. Senado aprova royalties maiores para cidade paranaense que perdeu o Salto de Sete Quedas. 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/>



A “CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE” NA POESIA DE DRUMMOND:
poemas de circunstância

radio/1/noticia/senado-aprova-royalties-maiores-para-cidade-paranaense-que-perdeu-o-salto-de-sete-quedas. Acesso em 18 set. 2020.

AMARAL, Leonardo Renda Kajdacsy-Balla. *A poesia social de Drummond: 1970*. Dissertação (Letras). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Adeus a Sete Quedas”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 set. 1982. Caderno B.

_____. *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. *As impurezas do branco*. São Paulo: José Olympio, 1973.

_____. *Discurso de primavera e algumas sombras*. São Paulo: Schwarcz, 2014.

_____. *Versos de circunstância*. Instituto Moreira Salles, 2011.

ARRIGUCCI JR, David. *Coração partido*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

AVELAR, Mário. S.v. Elegia. In: *E-Dicionário de Termos Literários* (EDTL). Coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt>. Acesso em 13 set. 2020.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 51. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

CAMILO, Vagner. *Drummond: da Rosa do povo à rosa das trevas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva et. al. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CORREIA, Raimundo da Mota de Azevedo. *Alguns poemas*. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/27169976/Alguns_Poemas_Raimundo_Correia. Acesso em: 14 set. 2020.

FERRAZ, Eucanaã. E esta nota. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Versos de circunstância*. Instituto Moreira Salles, 2011.

GUIMARAENS, Alphonsus. *Kyriale*. São Paulo: Iba Mendes Editor Digital, 2019. Disponível em: <http://ibamendes.org/Kyriale%20-%20Alphonsus%20Guimaraens%200-%20IBA%20MENDES.pdf>. Acesso em: 14 set. 2020.

LUCAS, Fábio. Drummond dentro e fora do tempo. In: BRAYNER, Sônia. *Carlos Drummond de Andrade*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Coleção Fortuna Crítica).

MEIO NORTE. Ponte desaba sobre o Salto de Sete Quedas e mata 32 turistas. 2020. Disponível em: <https://www.meionorte.com/blogs/memoria/ponte-desaba-sobre-o-salto-de-sete-quedas-e-mata-32-turistas-338297>. Acesso em 18 set. 2020.

MORAES, Marcos Antonio de. Artes de querer bem. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Versos de circunstância*. Instituto Moreira Salles, 2011.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução de Olga Savary. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SANT'ANNA, Afonso Romano. *Drummond o gauche no tempo*. Rio de Janeiro, Record, 1992.

SANTOS, Rita de Cassi Pereira. *Drummond: diálogo entre texto e contexto*. Dissertação (Letras). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1983.

SIMÕES, João Gaspar. Carlos Drummond de Andrade e a poesia de circunstância. In: BRAYNER, Sônia. *Carlos Drummond de Andrade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Coleção Fortuna Crítica).

VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.